

Vida de Roberto do Diabo

Edição, introdução e notas

António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: Vida de Roberto do Diabo

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Julho de 2007

ISBN: 978-972-9249-03-07

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho
Biblioteca Municipal
Rue de l Cumbento, s/n
5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com
<http://ceamm.no.sapo.pt>

1. Versões existentes no CEAMM

Em terras orientais
De palácios encantados
Porque o povo só gosta
De romances colossais.

Antônio Alves da Silva, *João Terrível e o Dragão Vermelho*

Deste auto encontram-se no Arquivo de António Maria Mourinho quatro exemplares, todos cópias uns dos outros. O primeiro está em papel vegetal, dactilografado a duas colunas. O segundo é uma cópia, feita a papel químico, à qual falta a primeira página. O terceiro está também dactilografado, a uma coluna, faltando-lhe igualmente algumas páginas. O quarto encontra-se já em computador, a uma coluna e com o texto disposto quadras.

Para a versão interpretativa seguimos esta edição confrontando-a com duas outras e acrescentando algumas notas que, em nosso entender, podem ajudar na compreensão do texto: a editada pelo GEFAC¹, recolhida em Avelanoso, e outra que veio de Caçarelhos e foi representada em Sendim².

É possível que o nosso texto tenha vindo de Vilar Seco. Contudo, numa primeira análise, ele parece mais próximo do de Avelanoso, do que do de Sendim. Mas isso só com um trabalho comparativo, mais profundo, se poderia saber, descobrindo e mostrando igualmente outros caminhos por onde andaram, durante séculos, as muitas cópias e versões representadas nestas terras: Derivam todas da mesma? Esse “casco” era a tradução do castelhano ou da edição portuguesa? Quem foram os “regradores” que modificaram e acrescentaram palavras, versos ou até personagens?

2. Origens

As origens da história levam-nos directamente para a Normandia francesa, onde nasceu, a partir de fontes diversas, a fama de Roberto do Diabo. Segundo Câmara Cascudo³ essas fontes são três: a narrativa histórica *Chroniques de Normandie*; um drama religioso intitulado “Miracle de Notre dame de Robert le Diable” e um romance, em forma de poema, do século XIII, de autor normando desconhecido. Este foi depois transformado em prosa e publicado pela primeira vez em Lyon, em 1496, com o título *La Vie du Terrible Robert le Diable, lequel après fut nommé homme dieu* (in-4º, gótico, impresso por P. Marechal). Os mercadores espanhóis, nas suas viagens entre Castela, a França e a Flandres trouxeram-na para Espanha, onde foi traduzida e impressa em Burgos, em 1509, com o título: *La espantosa y Admirable Vida de Roberto el Diablo, así al principio llamado, hijo del duque de Normandia, el cual después, por su santa vida, fué llamado hombre de Dios*⁴. A primeira edição portuguesa, de onde saíram

¹ *Teatro Popular Mirandês – Textos de Cariz Profano*, Almedina, Coimbra, 2002.

² Esta cópia foi-nos facultada pelo Dr. Telmo Ramos, que fez o papel de Anunciador.

³ Luís da Câmara Cascudo, *Cinco livros do Povo*, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1953. (Agradecemos à Dr.ª Luciana Leal que nos enviou este livro do Brasil, comprado num alfarrabista ou “sebo”, como lá se diz).

⁴ Ver Júlio Caro Baroja, *Ensayo sobre la literatura de cordel*, ISTMO, Madrid, 1990, p. 384.

todas as outras, é de 1732, de Lisboa, traduzida por Jerônimo Moreira de Carvalho, com o título *História do grande Roberto, duque de Normandia, e Emperador de Roma, em que se trata da sua conceição, nascimento, e depravada vida, por onde mereceu ser chamado Roberto do Diabo; e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitência...*

Outro problema que se coloca perante este texto é o da sua historicidade. Segundo Câmara Cascudo, nenhum estudo, e há muitos, prova a identidade de Roberto do Diabo com um personagem histórico. A verdade é que houve muitos duques da Normandia que seguiram caminhos semelhantes e capazes de merecer o epíteto de “Diabo”⁵. Começando por Hrolf Rollon, que morreu em 931, valente, ganancioso, fundou o seu império à força da espada, do fogo e da morte, tão selvagem como os bandos de guerreiros que o acompanhavam. Mas depois o guerreiro baptizou-se, tornou-se súbdito do Rei da França Charles-le-Simples, que lhe deu a mão da sua filha, a princesa Giselle, em casamento. Temos depois Roberto I, o Magnífico, Duque da Normandia, filho de Ricardo II. Matou, envenenou o pai, arrasou, desonrou. Também este se arrependeu. Para cumprir a sua penitência foi a Jerusalém. Morreu em Nicéia, em 1035. Terrível foi também o Duque Roberto Court-Heuse (1058-1134). Bateu-se contra o pai (Guilherme o Conquistador), os irmãos, matou e mandou matar, feroz, interesseiro, terrífico. Seja como for, a verdade é que o nome Roberto se encontra documentado, na Normandia, desde o século X, havendo ainda outros que mereceram esta alcunha de “Diabo”. A façanhas de uns e outros, a influência católica que levou alguns ao arrependimento, o papel dos trovadores que a partir daqui criaram e espalharam os seus romances, as cadeias de transmissão oral que ajudaram a difundir o nome desta personagem que talvez não tenha lugar na História, mas com assento garantido nas tradições de muitos povos, civilizações e continentes.

Nestes cinco séculos de selvajaria, as aventuras de Roberto do Diabo passaram o mar e foram levadas para o Brasil onde tiveram reimpressões quase anuais⁶. Na Terra de Miranda ficaram também os ecos do seu nome e até dos seus companheiros pois Roberto e Forminante (Fulminante) ainda hoje podem ser ouvidas e ambos significam “mau”.

Sabemos de onde veio, algumas voltas que deu, alguns caminhos que percorreu, a fama que teve, mas o que não sabemos é a razão pela qual estas histórias foram tão bem recebidas e conservadas na Terra de Miranda. Parece-nos difícil de entender como é que estas aventuras passadas em terras tão distantes, afastadas quer do ponto de vista histórico quer cultural, foram tão bem recebidas pelo povo que as representou e assistiu a elas. É verdade que a Terra de Miranda foi, desde tempos quase imemoriais, um espaço onde se abrigaram muitos povos e culturas, uma encruzilhada que deixou marcas bem fundas no ser e no sentir das suas gentes. Mas para explicar este fenómeno seriam necessários outros estudos sócio-culturais que, por ora, não temos. Por isso, ficamos com algumas suposições, mais ou menos teóricas e sem fundamentos muito sólidos.

Segundo Caro Baroja, a fama de Roberto do Diabo resulta do facto das suas aventuras se conformarem com os passos dos heróis populares: primeiro capitão de bandidos, que depois se arrepende, fazendo penitência, apresentando-se como tonto e aproveitando tal facto para atacar e zurzir nos judeus infieis, num percurso que parece condizer com muitas outras histórias e tradições

⁵ Luís da Câmara Cascudo, *Cinco livros do povo*, *Op. cit.*, pp. 181-183.

peninsulares.

Talvez haja nestas histórias uma certa identificação do povo com os heróis cavaleirescos. Tal como em alguns contos tradicionais, elas poderão responder à eterna necessidade de fugir do quotidiano, quanto mais longe, mais fundo ou mais alto melhor. Poderíamos dizer que certas histórias encerram formas de ser exemplares e comunicam virtudes capitais, mas não servem como modelos práticos para a vida. Por isso, só poderão ser úteis como escape para as frustrações: perante inimigos demasiado fortes e impossíveis de vencer, a fantasia arquitecta rivais imaginários que serão derrotados um a um. É, sem dúvida, uma forma de vingança interior contra todos os males exteriores, e quanto mais grandes sejam os males mais grande terá de ser o inimigo: um gigante, um dragão, uma pessoa com a força de mil homens ou, porque não, milhares de homens armados até aos dentes. E esta desmesura imaginária tem ainda mais razão de existir e de se conservar quando a miséria é maior e as dificuldades são mais prementes.

Mas neste auto não podemos deixar de nos referir também ao papel da mulher. É ela quem entrega o filho ao diabo, como promessa para conseguir ter um filho. Ora, numa sociedade patriarcal quem tem o poder são os homens, mas quem o dá são as mulheres. E no mundo rural, uma família sem filhos, sem braços para ajudar, está condenada a morrer à fome. Uma mulher que não pode ter filhos é, por isso, desprezada.

Mas como não ver também aqui uma crítica aos casamentos arranjados e preparados? À falta de liberdade das mulheres, obrigadas a casar por interesses alheios ou por obediência? A esterilidade é “natural” ou é castigo pelo “pecado” de se casar sem amor? Assim o confessa a Imperatriz:

*Eu não fui quem o causei
Este nosso casamento
Nem por si o meu senhor
Sem grande consentimento.*

*Os vossos embaixadores
A meu pai é que falaram
Eles e os mais senhores
Contentes todos ficaram.*

*Dizendo-me logo a mim
Se me queria casar
Eu lhe respondi que sim
Por obediência guardar.*

No final, a filha do Imperador, muda, sem fala, será quem decifra o enigma. Prometida pelo pai ao guerreiro que o ajudou na batalha, não se deixa enganar pelo Almirante falsário e oportunista, escolhendo Roberto e recuperando a fala. O equilíbrio está conseguido, o Amor triunfará sobre o caos.

Em conclusão, diga-se igualmente que há neste auto um profundo sentimento da justiça. Roberto fez muitas mortes e maldades. Mas acaba por ser condenado, sofrendo e penando os seus “pecados”. Durante sete anos, número da plenitude e da mudança ao qual se seguirá um novo ciclo, Roberto do Diabo ficou mudo, fez penitência, até alcançar o perdão dos pecados. De uma forma simbólica, e de certa compensatória, assim se vê que a justiça existe e, às vezes, é praticada.

⁶ Luís da Câmara Cascudo, *Literatura oral no Brasil*, São Paulo, Global Editora, 2006, p. 212.

3. Representações

Roberto do Diabo foi uma das “comédias” mais conhecidas e representadas nesta região até à segunda metade do século XX. Como se pode ler numa nota manuscrita de António Mourinho, que se encontra no seu Arquivo, todos a queriam representar e cada qual o melhor.

Dessas múltiplas representações temos notícia de ter subido ao tablado em Avelanoso, em 1927, em Vilar Seco (aldeia que hoje pertence ao concelho de Vimioso mas onde se fala mirandês), em 1934 e ainda noutra data desconhecida⁷, em Caçarelhos, em data também desconhecida, e em Sendim, em 1943 e no dia 9 de Junho de 2002.

⁷ Ver António Maria Mourinho, “Teatro rural em Trás-os-Montes”, in *Ocidente*, Volume LI, Lisboa, 1956, pp. 181-191. Acrescenta, depois, numa nota manuscrita que se encontra nesta mesma página da cópia existente no CEAMM que o autor dramático mirandês Basílio Rodrigues lhe disse que tinha sido ele mesmo quem traduziu este texto do castelhano.

Pessoas que falam

O Duque Alberto
Um Embaixador
Duquesa, sua mulher
Roberto, seu filho
Uma dama da duquesa
Um 1º Sargento
Um 2º Sargento
Um Médico
Um Ermitão
Um Professor
Um Anjo
Pontífice
Imperador de Roma
Jesus, figura de pastor
Júlia, pastora
A filha do Imperador muda
A Dama de muda
Um Embaixador do Imperador
Um Secretário do Imperador
Almirante Pagão
Marto, salteador
Fulminante, salteador
Lusbel
Rogério
Profecia

PROFECIA

“Respeitável” auditório
A vossa atenção implora
A minha fraca pessoa
Para vos dizer agora.

As passagens desta obra
Que do Roberto é chamada
A maldade praticada
E a sua cruel manobra.

Em tempos remotos havia na França
Um ducado que ainda existe, é certo,
O seu soberano chamava-se Alberto
Que os seus maiores lhe dão por herança.

O povo estimava a sua pessoa
Chegado o tempo que havia nascer
Manda a Borgonha a duquesa falar
Para haver herdeiro a sua coroa.

A duquesa aceitou aquela embaixada
Com satisfação e contentamento,
Dezassete anos depois do seu casamento
A duquesa era estéril e não fecundava.

Com muita tristeza e desconsolação
Vivia a mulher e também seu marido
Porque o senhor não era servido
De lhe dar herdeiro para a sua sucessão.

Em conversa amorosa um dia estava
Cumprindo o dever aquele matrimónio
A duquesa entregou a obra ao demónio,
E este aceitou aquela palavra.

Para seu castigo ficou fecundada,
E no palácio renasce a alegria;
Sem pensarem que a criança seria
De condição tão velhaca e danada.

Toda a nobreza se encheu de ventura,
Quando souberam que havia sucessão;
No dia do parto estrondeia o trovão
Com *relistros*¹ e raios se faz noite escura.

Então aparece uma tal criatura
Que pela grandeza parecia já moço;
Para mais tarde fazer o destroço
O Diabo lhe deu tamanha figura.

Com rapidez o menino traidor
Crescia e ninguém o podia aturar;
Chegou a idade de ir estudar
O pai entregou-o a um professor.

Pensando que assim seria melhor,
Para ver se o rapaz assim emendava;
Mas o pai nisto também se enganava,
Porque fazia cada vez pior.

Chegou a matar o seu professor
Porque uma vez o repreendeu;
Aos seus condiscípulos a morte lhe deu
Sem ter paixão, nem dor, nem temor.

Era uma fera que acusava horror
Destruía a igreja quebrava os altares;
Zombava de tudo, fazia esgares,
Aos seus superiores perdeu-lhe o temor.

O pai se afligia por este traidor,
Seu filho fazendo tanto mal no ducado;
Manda chamar o moço estragado,
Para o armar e fazer *cavalheiro*².

Depois de na cinta ter já a espada
Que os *cavalheiros* lhe estão a *cigir*;
Desembainhou-a e pegou à estucada,
E a *assembleia* deitou a fugir.

O pai desde que vê a desobediência
E a *bravesa* daquele leão;
Retira da corte fazer penitência,
E Roberto para o monte fazer-se ladrão.

Sabendo seu pai esta profissão,
Mandou-o chamar por homens da corte
Tira-lhes os olhos e não lhes dá morte
Por lhes fazer mais grande traição.

Vendo seu pai crescer tanto mal,
Já que por bem não quer emendar;
Manda uma força com seu general,
Para o prender a mandá-lo matar.

Prossegue o traidor por seu génio
infernai,
Fazendo destroços por toda a nação;
Vem Júlia pastora cantando canção,
Como aos outros lhe dá sorte igual.

¹ Em mirandês *relbistro* significa relâmpago.

² Confusão com a palavra “cavaleiro”.

Assombrava o mundo com tanto terror
Ninguém lhe abrandava o coração;
Abrandou-lhe Jesus figurado pastor,
E arrependido pediu logo perdão.

Partiu logo sem mais detenção,
Sua mãe lhe deu como amor e carinho;
Quando voltou encontrou no caminho,
Seu protector e amigo *Satão*.

Este em seguida lhe faz reflexão
Qual era o motivo porque tinha deixado
E como Roberto estava calado
Atira com ele para dentro do *Volcão*.

Peço a desculpa dos erros que dei
E com a licença de vós povo honrado
Eu me retiro e depois voltarei
A dar conclusão ao meu razoado.

Vai-se

Fim da 1ª Parte

Sai Rogério e diz

Mas então não disse bem
Cá o nosso anunciador
Eu parece-me que ele tem
Boa cabeça para doutor
Lá isso tem, tarem, tem tem
Tarem, tem tem.

Vai-se dizendo isto.

Sai o Duque e o Embaixador e diz o Duque

Abençoado será
O dia em que minha mulher
Tiver um filho em sucessão
Para herdar o meu poder.

Em companhia de minha esposa
Vivo catolicamente
Sendo querido de todos
Homem senhorio e gente.

Vai fazer dezassete anos
Que contente me casei
Com a formosa duquesa
A quem amo e amarei.

E a mulher admirável,
Muito rica e Virtuosa,
E no ducado de Borgonha,
Foi nascida essa rosa.

Ó meu forte embaixador
Que bem soubeste escolher
Uma mulher virtuosa
Qual de todas possa ser.

Como eu desconsolado
Está ela por não ter
Um filho que possa ser,
Herdeiro do nosso ducado.

Ó meu Deus, ó santos céus
Que desconsolado me vejo
Por não se poder cumprir
O meu ardente desejo.

Por eu não ter algum dia
Uma festa santa e boa
Um filho por descendência
Herdeiro da minha coroa.

Senhor, senhor concedei
O que peço agora aqui;
Sou verdadeiro cristão
Não vos esqueçais de mim.

Farei quanto eu puder
Com esforçado valor
Que saiba bem adorar
Aquele supremo senhor.

A guerra agora não mata
O reino está à vontade
Minha duquesa formosa
Ficai-vos na *solidade*.

No seu jardim de recreio
No que eu falo está a pensar
Com desejos de ela ter
Um filho para me agradar.

Sempre está fazer festejos
Esmolas e orações
Com outras damas se ajunta
Para irem aos sermões.

Os templos é o seu recreio
E depois de o seu amor
Cada dia duas vezes
Visita a Nosso Senhor.

Agora vou-lhe falar
No jardim que é o seu passeio
Para que se não agonie
E que não tenha receio.

(Diz à parte)

Ama-me minha mulher
Tanto do coração
Que me traz sempre sepultado
Em uma escura prisão.

EMBAIXADOR

Sinto muito a tristeza
Que Vossa *Magestade* tem,
Mas eu não tenho a culpa
Nem sua mulher também.

Eu fui como me mandou
E quando a (vergonha !!!) *Burgonha*
E recebeu-me muito bem
E com honra me falou.

Ofereceu-me o que ela tinha
Com muita sagacidade,
Dei-lhe logo a embaixada
De Vossa Real majestade.

Aceitou o meu pedido
E logo me vim contente
De Borgonha à nossa terra
A trazer este presente.

Vossa majestade ficou
Muito bem engrandecido
Tanto que dos seus vassallos
Fui eu muito bem recebido.

E agora meu senhor
Empuxa-me a mim o cargo
De não ter sucessão
Para o seu belo ducado.

Eu não devo ser culpado
Nesse crime tão severo
Porque só pertence a Deus
O mistério do segredo.

ALBERTO

Eu não lhe torno a culpa
Ao meu fiel embaixador
Bem sei que esse mistério
Pertence a Nosso Senhor.

Ele pode muito bem
Fazer que a minha mulher
Logo conceda um filho
Que herde o meu poder.

EMBAIXADOR

Razão certa é senhor³
[E já dezassete anos vão
De casados e ainda sem terem
Indícios de sucessão.

Divirta-se, meu amigo,
Com seus vassallos velhos
Iremos fazer uma caçada
Estes são os meus conselhos.

ALBERTO

No jardim minha mulher
Está sempre a considerar
O que poderá fazer
Para haver de fecundar.

ROGÉRIO

Cá os nossos governantes
Estão muito desconsolados:
É por não terem um filho
Para mandar nos soldados.

Estão sempre a chorar...
E que tal?
Que me façam general
Que eu também já sei mandar!
Sentido!... Meia volta, volver!...
Marche, marche...

*Toca a música. Aparece a Duquesa e uma
Dama no jardim.*

DUQUESA

Considerando quem eu fui
E agora quem eu sou
Lembro-me sempre e muito
Do que a minha mãe falou.

Eu sou uma desgraçada

³ No documento que se encontra no Arquivo de António Mourinho este verso é seguido pela intervenção da Duquesa quando diz “Sou muito temente a Deus / Como nosso criador / Depois dele ao meu marido / Lhe tenho muito amor”. Por isso, estas palavras, na boca do Embaixador não fazem sentido. O lapso poderá ter ocorrido pelo facto de se ter perdido uma folha, uma vez que esta intervenção ocupa cerca de uma página. O texto acrescentado foi retirado da versão representada em Sendim.

Que em Borgonha nasci
E agora estou aqui
Em Normandia casada.

Eu casei-me para Deus louvar
Mas a qual outra luz da França
Conheço a desconfiança
Por não poder fecundar.

Mas eu não tenho a culpa
Pois como qualquer mulher
Faço as minhas obrigações
Como se devem fazer.

Chegado será o dia
Que eu me chegue a perder
Mas outras senhoras também
Muito hão-de sofrer.

Ó Borgonha, terra minha,
Vem cá, torna-me a levar
Que eu aqui, em Normandia,
Não poderei acabar.

Ó Borgonha de Navarra,
Ó terra em que nasci
Leva-me outra vez a mim
Que eu aqui sou desprezada.

Sou filha do Grão Roberto,
O rei da nossa Borgonha,
Nasci no seu Ducado
Nasci da sua coroa.

E o meu soberano pai
Desde que recebeu a embaixada
Concedeu e disse: Vai, filha,
Com esse Duque ser casada.]

Sou muito temente a Deus
Como nosso criador
Depois dele ao meu marido
Lhe tenho muito amor.

As suas ordens eu cumpro
O seu coração eu adoro
Para mim não há riquezas
Nem tenho outro tesouro.

DAMA
Senhora não tenha pena
Não esteja agoniada
Que eu acompanharei
Vossa pessoa adorada.

Nesta formosa terra
Temos de nos recrear
Assim como o senhor Alberto
Também tem que a estimar.

É duque de Normandia
Representante primeiro
E no palácio do Rei
É o melhor cavaleiro.

Eu como dama imperiosa
Pela sua *magestade*
Fui *nomiada* companheira
Desde a minha tenra idade.

À câmara principal
De corte da Normandia
Eu a passeio gostosa
Sem nenhuma cobardia⁴.

E quando foi chegada
O Duque para a mulher
Vossa pessoa adorada
Bem o soube receber.

Todos *fiquemos*⁵ contentes
Em ver vossa majestade
Eu vim a ser companheira
Por ser a sua vontade.

Agora minha senhora
Não deve desconfiar
Tenha sempre a sua fé
Que ainda lhe pode dar,⁶
Deus o que vós quereis
Cumprindo com suas leis
E contra ele não pecar.

Olhe bem senhora amada
Quanto queira fazer
Seja um serviço de Deus
Que ele tem todo o poder.

Quando chegará o dia
De seu sangue conceber
Um herdeiro do ducado
E da terra em que nascer.

⁴ Na versão dactilografada foi rasurada a forma “companhia” e substituída por “cobardia”.

⁵ Forma mirandesa.

⁶ Esta estrofe foi modificada, faltando-lhe o primeiro verso da segunda quadra, que se pode ler na edição do GEFAC: “Depois ele vos dará”.

Não há que desconfiar
Da dívida protecção
Que ainda há-de ver satisfeito
E contente seu coração.

Peça, peça a Deus do céu,
Quanto queira pedir
Que chegado será o dia
Que tudo lhe há-de vir.

DUQUEZA

Não desconfio jamais
Eu farei o que mandais.

DAMA

Eu sou cristã verdadeira
E no palácio me criei
Nunca ao meu ducado
Até agora lhe faltei.

Sempre fui muito querida
E em vossa protecção
Me manda agora estar
Aqui tem meu coração.

Vejo que estais senhora
Muito agoniada agora
Lá virá depois um dia
Que vos encha de alegria.

Eu farei o que o senhor duque
Sempre em vossa protecção
Esteja amando contente
Vosso terno coração.

Eu farei minha senhora
Vossa pessoa guardar
E dos maus querereres sempre
Hei-de lhos eu tirar.

Esmolas e orações
Sempre temos que fazer
Para que nosso senhor
Tenha que nos conceder.

O que é de todos desejado
E com o tempo virá
Um filho que mandará
Neste formoso ducado.

Tenho, senhora, pensado
Que Deus Nosso Senhor
Não faltará ninguém
O que serve com amor.

Ele sempre é sabedor
Do prémio que merecemos
Nesta e na outra vida
Seguindo a honra que temos.

Sua majestade senhora
Sei que é muito honrada
E dos seus vassallos todos
Sempre *fui*⁷ muito estimada.

Não é como Margarida⁸
A que acabo de falar
Pois aquela mulher, tudo
Ela fazia *enraivar*.

DUQUEZA

Muito honrada me criei
Lá na minha juventude
E na minha vida achei
Até agora bem saúde.

Nesta terra bem estou
Fazem-me bem a vontade
E agora sou feliz
Até da nossa majestade.

Se eu chego a conceber
Que fará o meu marido?
Muito me há-de querer
E sempre estará comigo.

Sai o Duque vai ao jardim e retira-se a dama

ALBERTO

Minha duquesa formosa
Querida muito adorável
Dos meus honrados vassallos
É de mim muito apreciável.

Soldados sou dos primeiros
E desta grande senhoria
Sou o governador
Da formosa Normandia.

Senhora, grande pecado fez
O que a nós nos ajuntou
E de certo sem olhar
A quem logo vos amou.

⁷ Por foi.

⁸ Referência a Margarida de Valois, casada com Henrique de Bourbon, rei de Navarra, cuja história é narrada por Alexandre Dumas na obra intitulada *Rainha Margarida*.

Eu tenho por entendido
Que se com outra mulher
Me tivesse unido
Não tinha que suceder
Isto que tem sucedido.

Eu tinha que ter filhos
E outros teríeis vós
Juntando-vos com outro homem
E não nos juntando nós.

Mas, ó céus, ó meu Deus veja
Ainda que o meu ducado
Ainda que por estrangeiros seja
Em tempos a *senhorá-los*⁹.

Os meus vassalos se vejam
Algum dia maltratados
Se homens mais poderosos
De outras nações armados.

Nunca eu desprezarei
Tua formosa pessoa
Que como amas a Deus
Meu coração te abençoa.

Sim e por isso mulher
Juro e não me juntarei
A outra mulher do mundo
Só a ti eu amarei.

E tu com sorte adoradora
Jamais me percas amor
Que eu sou teu bom esposo
E fiel adorador.

DUQUEZA
Senhor bem sabeis que eu
Em nada disso sou culpada
Desde que vos conheci
E por vós sou adorada.

Eu não fui quem o causei
Este nosso casamento
Nem por si o meu senhor
Sem grande consentimento.

Os vossos embaixadores
A meu pai é que falaram
Eles e os mais senhores
Contentes todos ficaram.

Dizendo-me logo a mim
Se me queria casar
Eu lhe respondi que sim
Por obediência guardar.

E agora ó santo céu
Quem havia de pensar
Que seria desprezada
E não me havíeis de amar.

Quem meu Deus soberano
Mais queria *arrebentar*
E não me ver como me vejo
Neste desprezo mundano.

ALBERTO
Eu não desprezo mulher
Tua pessoa formosa
Sossega que deve ser
Isso em mulher ciosa.

Escolhi-te para esposa
Eu te quero adorar
Vou a ceder meu poder
Só para contigo estar.

Eu casei-me para ter
Uma vida santa e boa
E para ter sucessão
Que herde a minha coroa.

Mas se assim Deus o não quer
Ouvir nossa oração
Quero-te minha mulher
Dá cá agora a tua mão.

Dão-se a mão e continua falando

E se assim o dispôs Deus
E se assim o quer fazer
Adoro-te minha esposa
Nunca te hei-de esquecer.

Pois se Deus Nosso Senhor
Herdeiros não nos quer dar
Recreemo-nos e não tenhamos
Mais que pensar
Feliz sorte será nossa
Se me souberes amar.

DUQUEZA
Eu *amarei-te*¹⁰ ó Alberto

⁹ A forma “correcta” deveria ser “assenhorado”.

¹⁰ Por “amar-te-ei”.

Que é minha obrigação
Desde que o meu pai querido
Me deitou sua *benção*.

ALBERTO

Fui a uma caçaria
Muito me *adivirti*
Mas o meu triste coração
Estava pensando em ti.

Um *viado*¹¹ *achamos* lá
Foi grande contentamento
É para não trabalhar mais
O meu pobre pensamento.

Parti sem meus camaradas
Sem mais eu poder caçar
E vim com muita pressa
Para te poder falar
E sem detenção alguma
E sem dúvida nenhuma
E para mais deveras de amar.

DUQUEZA

Nunca eu quis desprezar
Tua palavra formosa.

ALBERTO

Pois ofereçamos a deus
Minha duquesa amorosa
O que vamos fazer
E se Deus for servido
Cumpra-se o nosso pedido.

DUQUEZA

Conceba ainda que seja
Agora aqui o diabo!...
E o que eu conceber
Tudo lhe ofereço ao saber
Que também tem grande poder.

ALBERTO

Não faleis assim mulher
Que é um caso mui mal feito
Desesperação fatal
E tristeza em teu peito.

À parte

O Diabo não fará

O que minha mulher pediu
Ninguém o consentirá
Nem o Diabo o ouviu.

DUQUEZA

Isso que tenho falado
Que seja por ele aceite
Quero conceber o diabo
Ou ao Diabo entrego o peito.

Vai-se e sai

ROGÉRIO

Ora esta tem que ver
O Diabo da mulher
Quer por força ter um filho.

Sai.

Há-de ser um bom cadi.....Lho.

*Lusbel de repente vê sair o Diabo do inferno e
deita a fugir deixando a palavra a meio e diz na
ponta do tabuado*

Esse é o maior gosto
Que a mim me pode dar
Essa *companha* agradável
E depois sem Deus pisar.

Farão tudo o proibido
Do nosso¹² mandamento
No décimo cobiçarão
Causando medo e tormento.

Tudo se cumprirá
O que tenho anunciado
Brevemente se verá
E eu me vou para o meu reinado.

Afunde-se e fala Rogério

Não vos disse que há um pouco

¹¹ Em algumas regiões do hemisfério norte o veado é símbolo da fertilidade e da virilidade. Esta simbologia que, seguramente na Terra de Miranda, não faz sentido, denuncia, contudo, a origem do texto.

¹² Nas versões de Sendim e do GEFAC lê-se “nono”, o que me parece mais adequado. Este discurso de Lusbel aparece, na nossa versão, bastante curto pois “faltam-lhe” quinze quadras anteriores, que se encontram nas outras versões a que temos vindo a fazer referência. Nelas, Lusbel ou o Diabo, conforme as versões, promete o poder e as grandezas ao filho da Duquesa, descrevendo também a sua força e dando júbilos pela oferta recebida. A julgar pela intervenção seguinte de Rogério, o Gracioso, em que faz referência às promessas do Diabo, é bem possível que estas quadras tenham sido “esquecidas” ou “perdidas”.

Que a mulher fazia mal
Olha agora este animal
Já está a prometer
Que seu companheiro há-de ser
E que os há-de ensinar
Bem me custará deter
Se não os puder *axeringar*.

*Vai-se o embaixador e o ministro como vindo da
caça trazendo um “viado” vivo e diz [o]
Embaixador*

O Duque já se nos foi
Ele está mui desgostado
É por não ter sucessão
Depois de haver casado.

Nós não temos a culpa
Nem lhe podemos fazer
Causa para que conceba
A sua boa mulher.

É formosa e diligente
É cristã verdadeira
É uma boa mulher
Não é nada feiticeira¹³.

Tenho tanta compaixão
Se meu conselho tomasse
Que fosse para Borgonha
Seu coração não amasse.

MINISTRO
Quem havia de pensar
Uma mulher como vemos
Não teria sucessão
Isto é que não sabemos.

Em Borgonha foi nascida
Na *gran* terra de Navarra
Para Paris a levaram
E ali foi ensinada.

Tratava-se muito bem
Tinha padre confessor
E mestra que a ensinava
Com muito perfeito amor.

Faziam-lhe referência
Da Rainha Margarida
Pondo-lhe sempre exemplo
A sua maldita vida.

Tão *temorosa* saiu
E tão amiga de Deus
É uma boa mulher
Cumpra-se os desejos seus.

Tomamos nova invenção
E façamos novo prazer
Façamos que o Duque sempre queira
Sempre bem sua mulher.

Que não nos *empeite*¹⁴ a culpa
Façamos se *poder* ser
Com grande esforço e valor
Que conserve o seu poder.

Levemos-lhe o veado
Formoso para recreio
Que se divirta com ele
E com ele dê seu passeio.

EMBAIXADOR
Entremos no gabinete
Com o formoso veado
E vejamos o nosso duque
Como está desconsolado.

Mas nós não temos a culpa
Nem lhe podemos fazer
Peçamos todos a Deus
Que ele tem todo o poder.

E se algum dia é chegado
A duquesa algum filho ter
Tudo estará sossegado
Ninguém terá que sofrer.

O desgosto que ela tem
Sofrendo de coração
Vamos a compô[r]-lo
Tirar-lhe essa paixão.

*Vai ao palácio com o “viado” e sai o Duque e
diz*

ALBERTO
Agora já estou contente
Porque tenho sucessão
Mandarei fazer festejo e
A nossa nobre nação.

Entreguemos o veado
Para que a minha mulher

¹³ Na versão de Sendim aparece “interesseira”.

¹⁴ Por “impute”.

Se divirta como sempre
E não tenha que sofrer.

MINISTRO

Nós trazemos o veado
Que é da nossa devoção
É para a nossa senhora
Que é da nossa intenção.

ALBERTO

Embaixador faz favor
De lho levar como recreio
A minha amada senhora
E com ele dê seu passeio.

EMBAIXADOR

Meu senhor assim o farei.

Vai-se com o veado e diz o ministro

Agora estais mais contente
Não temos que duvidar
Ofereçamos tudo a deus
Ele tem bem que nos dar.

ALBERTO

Já vai chegar o dia
Decorridos nove meses
E minha mulher doente
Tem estado muitas vezes.

MINISTRO

Então peçamos a deus
Que seja na boa hora
Que a livre dos perigos seus
A nossa amada senhora.

*Vão-se. No palácio faz-se noite atoa, relistra,
que atemoriza a todos e sai Lusbel*

LUSBEL

Ó que alegre e contente
Eu me vejo neste dia
Que vai nascer meu servidor
E o terror da Normandia.

Não ouvis já o estrondo
Que a todos causa terror
Oh que alegre e contente
Vai nascer meu servidor.

Sai a dama

Chegada já foi a hora

De ter um filho senhor
E tem que o querer agora
Com muito perfeito amor.

Ó meu Deus como poderia
A sua mulher aturar
Pois a criança é tão forte,
Que já se quer botar a andar.

É cousa de Deus do céu
É uma tão grande acção
Tudo se estremeceu
Quando deu forte trovão.

*Fiquemos na escuridão
Vimo-nos em tão mau estar
Que a não ser por nosso deus
Ninguém podia aturar.*

Mandou-me minha senhora
A vossa pessoa chamar
Para que disponha do melhor
Que possa para a baptizar.

Isso tem que o fazer
Meu senhor sem demorar
Olhe que o menino
Já se quer botar a andar.

É uma *causa* admirável
De tanta disposição
Fiquemos todos pasmados
E cheios de admiração,
Eu não posso falar mais
Esta é a minha razão.

ALBERTO

Vamos lá sem demora
A mandá-lo baptizar.

*Vão-se e depois sai o embaixador e a dama com
o menino e vão à capela do ermitão a baptizá-lo e
de trás sai Rogério e diz*

ROGÉRIO

Já lá vão a baptizar
O filho tão desejado
Para o que há-de ser de honrado
Deviam-no de afogar.

DAMA

Aqui venho a caminhar
Reverendo senhor frade
Que hajais de baptizar

Esta criança tão tarde.

Não demoreis meu senhor
Em o baptismo lhe dar
Que a criança é tão forte
Que me custa a sujeitar.

Diz para o menino

Está *quito* meu menino,
Não sejas tão *desenquieto*,
Recebe o santo baptismo
Que é o dote mais perfeito.

ERMITÃO

Ajoelhai senhora
À porta da ermida
Para eu baptizar
Essa criança atrevida.

Recebe criança
O baptismo que lhe dou
É o primeiro sacramento
Que a igreja deliberou.

EMBAIXADOR

Esteja quieto menino
Não seja tão *desenquieto*
Que tem que ser baptizado
Por ordem de Deus supremo.

O Ermitão faz que o baptiza e deita-lhe a água e diz o ermitão

Em nome do Padre e do Filho
E do Espírito Santo Sagrado
Ide em paz meu menino
Que já estais baptizado.¹⁵

Vai-se a dama com o menino, ficando o ermitão com o embaixador. Ao encontro vem Rogério e diz

ROGÉRIO¹⁶

Ó senhora madrinha,
Faz favor de me mostrar
A cara desse menino

Para ver como é o focinho.

A dama não faz caso e Rogério com tirania diz

Olha o que vai de imperial
Por levar aquele *duquito*
Que o não quis amostrar
Há-de ser um bom *facanito*
Em começando a andar!...

Vai-se

ERMITÃO

Em minha vida olhei
Criança tão adiantada
Que não podia pensei
Ser por mim baptizada.

É como um homem senhor
De tanta disposição
É como uma fera horrível
E tem instintos de cão.

Triste e mal formada
Foi a *mãe* que o pariu
Cousa tão mal formada
Nunca no mundo se viu.

Templos ele não quer
Quando aqui chegou a entrar
Destas portas para dentro
Parecia um cão a ladrar.

Parece uma horrível fera
Que no campo se gerou
Com um mau filho o duque
O senhor o castigou.

Nove meses a duquesa
No seu ventre o trazia
Senhor estou a pensar
Não sei como o teria.

Nem como teve poder
Nem valor para sofrer
Uma criança tão forte
Jesus não lhe deu o ser.

Não quero falar eu mais
Que se o chega a saber
O Duque *castigará-me*
Para isso tem poder.

¹⁵ Esta intervenção do Ermitão, que na edição do GEFAC é chamado Frade, só se encontra nesta versão.

¹⁶ O personagem Rogério não se encontra no texto de Avelanoso, editado pelo GEFAC. O vocabulário indica que se trata de um acrescento mirandês: *facanito*, por exemplo, não significa apenas pequenino, mas alguém endiabrado, traquinas, e é uma palavra mirandesa.

EMBAIXADOR

A Borgonha quero que torne
O Duque da Normandia
A levar outra embaixada
De grande empenho e valia.

Um filho teve a duquesa
E como o teve não sei
Que eu fiquei pasmado
Quando para ele olhei.

Parece que tem seis anos
O Diabo do rapaz
Já não quer o peito e faz
A criança muitos danos.

Ai Jesus que lhe direi
Ao senhor imperador
Da traquina da criança
A esse tão grande senhor.

*Direi-lhe não minto nada
Que é tão forte a criança
De todo o mundo admirada
Como não há outra em França.*

Até já quer pelear
Com os rapazitos pequenos
Até as amamentadeiras¹⁷
E todos medo lhe temos.

Tem que ser como um leão
Para poder pelear
Tem que ser como um Sansão
Sabendo-se bem armar.

Firmeza valor e medo
Para ser criança mete
Parece que já se contam
Em sua vida anos sete.

Eu engrandeço-me muito
Para o rapazito olhar
Para quando eu veja
Entre os grandes pelear.

*Vão-se a recolher e sai Roberto atrás de uma
partida de rapazes e por trás vem Rogério e diz o
Ermitão*

Fugi, fugi meus meninos,
Desse maroto brigueiro.

ROBERTO

Qual será o que apanho
Que lhe tiro os *chiadeiros*.

ROGÉRIO

O que fugir mais ligeiro
É o que menos apanha.

*Vão-se todos menos Rogério que continua
falando*

Sempre estive uma façanha
E pegou-lhe com bons modos
Se não lhe damos às pernas
Vindimava-nos a todos.

Apre! Com tal rapaz
Ainda é tão pequeno
É como o puro veneno
Que fará em sendo capaz.

Vai-se e sai o ministro e o professor

MINISTRO

Deus o guarde meu senhor
Pois encontrei-me agora
Com um professor honrado
Que buscava nesta hora.

Mandou-me o senhor duque
Da nossa grande Normandia
Que levasse ao seu palácio
Um professor neste dia.

E Vossa Excelência é
Dos professores honrados
Agora me seguirá
Que há casos admirados.

O meu senhor olhará
Criança muito pequena
De a idade que fala já
Sem temor e sem ter pena.

E do dia em que nasceu
Até agora meu senhor
O pai e a mãe também
Lhe têm muito temor.

PROFESSOR

Eu tenho muito gosto
Minha ciência *traspassar*
A criança como digo
Eu tenho que a ensinar.

¹⁷ A forma que nos aparece no texto é *mamantadeiras*.

Eu estudei para isso
E a ninguém tenho medo
Ainda que seja o diabo
Logo eu o ponho cego.

MINISTRO

O que quer o nosso duque
É que o rapaz ensine
A ler, escrever, contar
Para isso o vim chamar
E sempre com ele fique.

PROFESSOR

Vamos lá senhor Ministro.

MINISTRO

Vamos lá bom professor
A cumprir o ordenado
Como bom embaixador.

*Vão ao palácio do Duque e sai este e Roberto
fazendo traquinices*

ALBERTO

Está quieto meu filho aqui
Recebe teu professor
Que vem ensinar-te a ti
Com seu esforço e valor.

Ó meu filho que feliz
Serás em algum dia
Quando educado estejas
Em minha companhia.

Quando gozes no jardim
Desta delícia amorosa
Que alegria para mim
Quando sejas já um homem
Pessoa muito formosa
Como teu avô o foi
E como teu pai o é.

Cristão e verdadeiro
Que professa a santa fé
Aqui tens teu professor
O que te há-de ensinar
A ler, escrever, contar
E a religião guardar
Com verdadeiro temor.

ROBERTO

Ó meu pai será melhor
Que assim me deixe ficar

Eu não quero aprender
Nem tão pouco estudar.

O que quero é seguir
A minha intenção danada
Nem o mestre nem o pai
Não me importam para nada.

PROFESSOR

Fala filho melhor diante do pai
Que foi quem te deu o ser
Olha filho está bem quieto
E não te há-de esquecer.

Que o teu pai e tua mãe
Deram-te a ti o ser
Tu és ainda uma criança
E tens muito que aprender
A ler e a escrever
Para reger teu ducado
Falta te há-de fazer.

ROBERTO

Não me importa por meu pai
Nem tampouco por você;
Seguirei minha vontade
Minha opinião assim é.

ALBERTO

Meu filho olha que te falta
Agora essa razão
Olha que te fala
Fala-te ao coração.

ROBERTO

A você não contradigo
Não quero mais escutar
Vossa fala nem do mestre
Não me façam enraivar.

O mestre a mim não me faz
O senhor obedecer
Enquanto ele falar
Não o torno escutar.

Vou-me daqui já embora
Não me façam enraivar
Se não me engano agora
O mestre mas há-de pagar.

Vai-se.

PROFESSOR

Deixe-o da minha mão

Que as crianças primeiras
Que como não têm razão
Fazem-se preguiceiras.

Eu *darei-lhe* educação
E *darei-lhe* que fazer
Logo ensino-lhe a lição
E há-de me obedecer.

ALBERTO
Fica a vosso cuidado
E à vossa disposição
Deixo o meu filho amado
Dê-lhe logo uma lição.

Eu tenho que reger
O meu ducado inteiro
Para depois dar-lho a ele
Isso faço eu primeiro,
Pegue lá por seu trabalho
Este pouco de dinheiro.

Dá-lhe o dinheiro e saem os sargentos e diz o primeiro

1 ° SARGENTO
O Diabo do rapaz
Faz na terra muitos estragos
Deixa os filhos sem olhos
E sem pernas, é o diabo.

Eu lhe quis fazer a frente
E com um pau que trazia
Deu-me uma grande estocada
Aqui no meio da barriga.

2° SARGENTO
Eu logo caladinho
Logo comecei a andar
De tanto medo que tinha
A ele não pôde chegar.

Queria-lhe muito bem
E como seu pai é senhor
Das nossas formosas terras
Tinha-lhe muito amor.

Agora que me fez isso
Esse desavergonhado
Hei-de lhe quebrar os queixos
Que me tem muito agastado.

Vão-se e sai Rogério

Ora vedes o que disse
Como vai sendo verdade
Aos soldados já Roberto
Lhe mostrou habilidade.

Vai-se e sai o Professor e Roberto

PROFESSOR
Meu filho ser obediente
E temente a Deus do céu
Olha que sou teu mestre
E segundo pai teu.

Eu quis tomar este cargo
De te ensinar vergonha
De te ensinar a ler
E a escrever que é grande honra.

E não queres respeitar
Nem a mim obedecer
Ó Roberto é o diabo
Assim tens que te perder.

Aprende a religião
E não sejas preguiceiro
Não sejas um mandrião
Nem tampouco caloteiro.

Sê um homem virtuoso
Tu não te queiras perder
Aprender[ás] meu menino
A escrever, contar e ler.

Tuas riquezas não valem
Mais que para este mundo
Olha que há outra vida
Deixa esse sono profundo.

Que Deus do Céu e da terra
Pode-nos castigar
Com um fogo abrasador
E uma caverna infernal
Tu és um rapaz sem dor
Que comesas tua vida
Serás um grande senhor
Pessoa muito querida.

Teu pai mandou a chamar
Um homem que fosse honrado
Para em tudo te ensinar
Com amor e com agrado.

Mas tu não tens nenhum medo
De fazeres tão grandes danos

Nos meninos e crianças
E outros grandes desacatos.

Os pais todos se me queixam
E a mim *récem bonrrado*¹⁸
Em vez de te emendares
A todos os vais matando.

Trazes a terra a tremer
De ti todos a fugir
Não podem de casa dos pais
Os filhos deixar sair.

Não te querem fazer mal
Por filho do Duque ser
Não escutas a ninguém
Só fazes o teu querer.

Tu não temes meu rapaz
Nem teu pai nem tua mãe
Tu não temes a ninguém
Fazes o que o Diabo faz.

Não fazes caso Roberto
Por ser de alta *gerarquia*¹⁹
Tu te lembrarás de mim
E do que te falo nalgum dia.

Olha que eu não engano
Os meus conselhos verdade são
Desejava que ficassem
Dentro do teu coração.

Escuta e não te esqueças
Olha que teu mestre sou
Lembra-te sempre criança
Dos conselhos que te dou.

Teu pai chamou-me a mim
Para em tudo te ensinar
Agora como teu mestre
Não me queres respeitar.

O que tu fazes agora
Sobre mim há-de carregar
Por isso é que te ralho

Porque te quero ensinar.

Se não fazes o que te mando
Vai-te o Diabo levar.

(Agarra-lhe as orelhas)

Olha que te vou bater
Se não tratas de te emendar.

Roberto puxa por um punhal e mata o professor e diz

ROBERTO
Agora sim que fiquei
Dos conselhos satisfeito
Que meu punhal enterrei
No centro do teu peito.

Eu não quero mais conselhos
Nem quero mais estudar
Quero fazer o mal que possa
E a todos a morte dar.

Para os estudantes que fogem

Escondem-se todos de mim
Que eu só quero fazer mal
Por onde quer que ando
Sou uma fera infernal.

Olha para o professor e diz

Tu meu mestre foste
E eu como vil dragão
Paguei-te quanto ensinaste
Ao meu ingrato coração.

O que fui, sou e serei
Uma carniceira fera
A todos a quantos encontre
Darei com eles em terra.

Fica-te meu mestre aqui
Que eu me vou a descansar
A ver se encontro alguém
A quem possa a morte dar.

Vai-se e sai Rogério

ROGÉRIO
Já não temos mais que ver
Nem mais que porfiar
Roberto não quer estudar

¹⁸ Na edição do GEFAC lê-se: “A mim aqui bêm chorando”, o que parece mais compreensível. A versão de Sendim é a seguinte: “A fé de nem vê-los chorando”.

¹⁹ Esta forma, que deveria estar escrita “hierarquia”, denuncia certamente a origem castelhana do texto. Possivelmente porque o tradutor ou copista não conhecia a palavra correspondente em português?

Nem disso quer saber
Matou o seu professor
Está estendido no chão
Agora será melhor
Cantar-lhe o *cantuchão*
Mas eu não sei a cantiga
Vou deitar-lhe a água benta
Para que não doa a barriga.

Bota-lhe a água andando à roda e dizendo:

As perges medomino
Labador e deu.

Canta

Requiem eterno domino es deo²⁰.

Saem os sargentos ficando pasmados de ver o mestre morto e Rogério foge para outra ponta do tabuado e diz o 1º sargento

O Diabo do rapaz
Faz mais mortes que eu sei lá
E por respeito do pai
Porradas ninguém lhe dá.

Para o professor

Ó senhor professor? Vá! Já morreu!
Boa estocada levou
Que o enterrem
Em boa terra sagrada.

Eu depois ao senhor duque
Levarei a embaixada
Diabo tem que ser
Segundo se vê a cara.

Vão-se levando o professor e diz Rogério

Por ver aquele militar
Não acabei de cantar
Com o susto do bigode
Estrampalhou-se-me a caldeira
E escapou-se-me o hissope
Mas isso que importa lá

Ele já no céu está
E talvez no dos pardais
E Roberto fica cá
Para mandar ir mais.

*Vão-se. No palácio do Duque descobre-se:
Alberto, Roberto, Embaixador, Ministro,
Sargentos, Soldados, fazendo guardas diz
Alberto*

No meu Palácio estão
Os senhores principais
Do meu formoso ducado
Que amados de mim estais.

O dia de Páscoa é
Do sagrado Espírito Santo
Para os que temos fé
É um dia mui santo.

No palácio estamos juntos
Onde havemos de falar
E a meu filho Roberto
Cavaleiro o quero armar.

Meu filho por conselho
Dos meus vassalos até
Ordenam de te armar
Cavalheiro agora aqui.

Pois eu quero-te ensinar
A ordem de cavalaria
A ser cortês político
Como eu sou hoje em dia.

Assim quero que deixeis
As vossas perversidades
Sem tornar a cometer
Nenhumas atrocidades.

A maligna condição
Que agora vos rodeia
Quero que a deixeis
Que é uma vida muito feia.

ROBERTO
Não há dúvida senhor
Em *cavalheiro* me armar
Que tenho muita vontade
Com os homens pelejar.

Verás enquanto eu assim andar
Assim nesta condição
Não respeitarei meu pai

²⁰ Este “canto” parece ser a deturpação do Salmo 50, entoado no final da missa quando esta era rezada em latim: *Asperges me, Domine, hyssopo, et mundabor: lavabis et super nivem dealbabor ! Misere mei, Deus, secundum magnam misericordiam Tuam ! Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto, Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula seculorum . Amen!*

Nem ninguém desta nação.

Eu tenho feito propósito
De seguir minha vontade
Farei mortes, farei roubos
Farei toda a maldade.

Desta sorte o armarei
Que tanto me dá o ser
Cavaleiro ou não
Faça lá o que quiser.

ALBERTO
Tu filho aqui agora
Tens que me obedecer
De criança como és
Nada te vejo aprender.

Agora mando-te eu
Que vás à igreja rezar
E pede a Deus do céu
Que haja de te perdoar.

ROBERTO
Qual perdão nem que diabo
À igreja vou a ir
Mas todos quantos lá houver
Não tardarão em sair.

*Vai-se à igreja e descobre-se o Ermitão, rezando
com outros devotos na capela e diz o Ermitão*

Deus me deo tório entende!

ROBERTO
Qual entende cá nem qual encomenda?

*Batendo a todos com um pau e quebrando tudo o
que encontra, e fugindo todos, vai-se*

EMBAIXADOR
A embaixada levei
Ao Duque de Borgonha
Desde que a viu logo disse
Isto é má cousa.

Seu filho tinha que ser
Uma fera embravecida
Que faria muitos danos
Pelo decurso da vida.

MINISTRO
Já os faz agora
Que fará vendo-se armado

Será o terror de tudo
Que vivem no seu ducado.

1º SARGENTO
O menino já faz mortes
Como fera embravecida
Matou o seu professor
E tirou-lhe a sua vida.

Depois que o matou
Começou a rebuscar
O Diabo do rapaz
Que medo me fez apanhar.

2º SARGENTO
Eu pensei que me fazia
De uma *choçada arrebrantar*
As pernas *destornilhei*
Por não poder voar.

O professor o puxou
Por uma orelha senhor
Mas ele prestes o deixou
De boca fria sem dor.

1º SARGENTO
Para que não me apanhasse
Fui a um canto esconder
Ficaram-me assim as pernas
E todo o corpo a tremer.

Quasi não posso andar
Nem posso mexer
Quando vejo o rapazito
Meu desejo é correr.

ALBERTO
Quem cria filhos assim
Valha-me nosso senhor.

2º SARGENTO
Ainda o senhor ministro
Se não lhe falei o melhor
Se não que lhe fale também
O senhor embaixador.

ALBERTO
Pena meu coração sente
A morte do professor.

EMBAIXADOR
Eu muito o sinto
Como seu embaixador.

Sai o Ermitão muito angustiado e diz o ermitão

Na igreja não se pára
Parece andar lá o diabo
Roberto seu mau filho
Tudo traz atormentado.

Lá não páram as velas
Nem *tampouco* os candeeiros
Além disso ainda mais
Não se pára com maus cheiros.

Cousa do Diabo é
Eu não o posso crer
Criança de tão pouca idade
Tenha tão grande poder.

Jesus, Jesus meu senhor
Não sei o que possa ser.

ALBERTO
Ó meu Deus todos os dias
Tenho queixas do meu filho.

ERMITÃO
Parece que é o Diabo vivo
Que sempre o traz consigo.

Vai-se o ermitão e diz Alberto

Sargento chama meu filho
Que venha depressa a correr
Para o armar cavaleiro
E não o quero mais ver.

1ºSARGENTO
Meu senhor agora
Eu daqui o vou chamar
Que tenho medo ao mordo
Que esse cão me possa dar.

Chama
Ó senhor Roberto do Diabo!
Venha aqui que o chama o padre!...
Jesus que medo eu tenho
Que me morda e não me ladre.

Sai Roberto muito contente e coloca-se ao pé do pai e diz

Eu já vinha da Igreja
E não quero lá mais entrar
Faça meu pai o que queira
Veja se me quer armar.

Que tenho muita vontade
Com os homens pelejar.

ALBERTO
Meu filho vais ser armado
Mas olha o meu coração
Está muito agoniado
Que de ti espera a traição.

Meu filho tu não duvides
Que por morte tens que ser
Herdeiro da minha coroa
E não me queres obedecer.

Arma-o já cavaleiro
Arma-te filho amado
Sê um homem virtuoso
Que te pareces ao diabo.

*Os sargentos armam a Roberto*²¹

1 ° SARGENTO
Aqui tem esta espada
Para ir a batalhar.

(Ajuda-lha a pôr)

2º SARGENTO
E também a sua banda
Para melhor figurar.

(Põe-lha)

1º SARGENTO
Agora o seu cinturão
De tão maravilhosa arte.

2ºSARGENTO
E depois o talabarte
De tão bonita feição.

1º SARGENTO
O revólver tão bem queira
Permita que lho ponha eu.

2ºSARGENTO
O seu chapéu com licença
Para comandar a fileira.

ROBERTO
Já me armaram cavaleiro

²¹ Esta parte com o ritual da investidura em cavaleiro também não se encontra na versão de Avelanoso.

Guardem-se do meu poder
A gente que os meus olhos
Aqueles que alcance a ver.

ALBERTO

Dezassete anos contas
Filho da tua idade
Já fizeste tantas mortes
Não terás perdão do padre.

ROBERTO

Que me importa a mim o perdão
Do meu pai nem de minha mãe
Se eu nunca os conheci
Senão pela tradição.

Eu o leite que mamei
Foi um pouco de veneno
Que fez furor minha alma
E a ninguém lhe tenho medo.

Daqui vou a pelejar
Com a gente tão armada
Que meu pai acompanhou
Não vale para mim de nada.

*Saca a espada e peleja com todos que fogem menos
o Duque que diz*

ALBERTO

Detém-te filho que fazes?

ROBERTO

O que me apraz a fazer!

*Vai-se e sai o Embaixador e o Ministro e diz o
Embaixador*

Já não podemos com ele
É uma fera envenenada
O nosso poder todo junto
Para ele não vale nada.

Rompe, talha, queima, corta
Quem contra ele se puser
Ninguém pense de sair
Vencedor terá que morrer.

Faz temer os corações
Pelo seu grande valor
Até os animais ferozes
Lhe têm medo e temor.

A cidade de Ruão

Ficou toda destroçada
E a gente toda a tremer
Da sua tenção danada.

MINISTRO

Agora corre o ducado
De mui grande Normandia
Matando e destroçando
Não pára noite nem dia.

Os homens e as mulheres
Todos tremem já de dor
Quando vêem logo fogem:
Dizendo morra o traidor!

As mulheres todas choram
Pelos homens que matou
Agora de Normandia
Dizem que já se marchou.

Senhor Duque é bem partir
E de seu filho tratar
Senão a Vossa Alteza,
Ainda o pode matar.

ALBERTO

Chamai a minha esposa
Que me quero despedir
Dela e do ducado
E para um deserto ir.

Eu não quero saber mais
De um filho que dei o ser
É matador dos homens
Um Diabo tem que ser.

Todos os dias estão
A dar queixas de meu filho
Não o posso remediar
Pesa-me muito disso.

Senhor, Senhor Jesus meu
Pois criei um ladrão
Socorrei nesta hora
O meu triste coração.

Que eu não tive a culpa
Isso foi minha mulher
Que chamou pelo diabo
Ao tempo de conceber.

E o Diabo tomou parte
Estou a desconfiar
Venha aqui minha mulher

Que lhe quero perguntar.

Sai a Duquesa muito triste e segue o Duque.

ALBERTO

Mulher que concebeste
Uma fera embravecida
Um leão ensanguentado
Cá na nossa Normandia.

E qual outro rei Saúl
De todos perseguidor
É um feroz Satanás
E dos homens matador.

As solteiras as desonra
As casadas as persegue
As viúvas estropeia
Não há ninguém que dele pegue.

DUQUEZA

Detém-te homem não fales
Que eu não quero saber
De essa fera embravecida
A quem lhe demos o ser.

Ó furiosa maldição
Que ao conceber falou
A minha desgraçada língua
Como Deus me castigou.

Ó mulheres já o vedes
O que a mim me aconteceu
Por dar gosto ao meu corpo
A minha alma se perdeu.

MINISTRO

Não choreis que não é
Tempo de chorar agora.

EMBAIXADOR

Nossa Senhora lhe dê
Algum dia boa hora.

MINISTRO

E perdoado será
Que farei meus camaradas
Que farei neste dia.

DUQUEZA

Iremos para o mosteiro
E deixar esta companhia.

EMBAIXADOR

O ducado não se perca.

ALBERTO

Fica ao vosso cuidado
E vós não se vos esqueça
E ali o senhor ministro
Que fale com sua alteza.

MINISTRO

Agora tão grandes choros
Por eu sentir o que sinto.

ALBERTO

Eu de todos bem me finto.

DUQUEZA

Adeus meu jardim amado
Onde eu me recreei
Adeus palácio, adeus fontes
De vós não me esquecerei.

Adeus nobre Normandia
Adeus terra tão formosa
Adeus que me vou chorando
Já faleceu esta rosa.

ALBERTO

Adeus *companha* adorada
Não vos esqueçais de mim
Que vos tive em companhia
Desde a hora em que nasci.

Adeus meus vassallos todos
Adeus grande Normandia
Vou-me fazer penitência
No resto da minha vida.

Vão-se todos chorando e sai Rogério:

Cá os senhores da corte
Parece que não sabem nada
Pois Roberto com um pau
Já fazia tanta morte
Que fará com a espada
Palermas...
Querem-no assim
Deixá-lo:
Como não me encontre a mim.

*Sai Roberto e Marto e Fulminante, ladrões de
uma gruta que há no monte e continua Rogério
todo assustado:*

Ai de mim que já ali vem
Aonde me esconderei.

Vai-se fugindo sem saber onde se há-de esconder.

ROBERTO

Armas, armas guerra, guerra
Nos montes havemos de dar
E aos homens que encontremos
Os havemos de matar.

Cinquenta e dois homens bem armados
São os homens que nos perseguem
Não tememos a ninguém
Aqueles que nos seguem.

Demos-lhe meus camaradas
Demos-lhe solta ao nosso vício
Nosso valor arrogante
Nos homens faça exercício.

Nós sejamos nestes montes
Como lobos carneiros
Não temamos a ninguém
Seremos fortes guerreiros.

O que aqui for encontrado
Tudo havemos de matar
E depois logo por paga
Seus corações arrancar.

Roubar, matar, perseguir
Como os *facinorosos*
Não temamos a ninguém
Sejamos bem rancorosos.

Forçaremos as casadas
E as viúvas que encontremos,
As solteiras que colhermos,
Todas nós as desonraremos.

E depois de fazer isto
Sacar seus corações
E jantaremos com eles
Sem atender as razões.

Aos padres perseguiremos
E na Igreja entremos
E sem escutar a ninguém
Todas as cousas *roubemos*.

O senhor sacramentado
Pelo chão atiraremos
E as hóstias que houver

Com elas nós jantaremos.

E nunca nos faltará
A nós nada que comer
Se as cousas que eu falei
As soubermos bem fazer.

E qual outro rei Saúl
Nosso valor seja tanto
Que faremos o pior
Sem sofrer nenhum quebranto.

Lobo ou fera embravecida
Eu serei nesta manobra
Ó que vontade eu tenho
De dar-mos princípio à obra.

Faremos tremer a terra
E como o raio faremos
Que abrasa todo o mundo
Nós também abrasaremos.

Os campos de Normandia
Os campos do meu ducado
Depois os campos de Roma
Depois os campos de Aliano²².

Sangue corra pela terra
De todos os corações
Que circulam nessas veias
As nossas imaginações.

Fortes faremos aqui
Para que ninguém nos persiga
É razão que cabe em mim
E ninguém me contradiga.

Das ordens que der o meu pai
Sempre eu caçoarei
Também irei contra deus
E também contra a sua lei.

Roberto do Diabo sou
Pois assim o meu pai me chama
Eu farei que em todo o mundo
Eu tenha terror e fama.

Das histórias que eu li

²² Esta é forma que nos aparece na nossa versão assim como na de Sendim. Na edição do GEFAC encontramos *Íliano* que estará mais próxima da forma “correcta” que deveria ser “campos de Ilíon”, nome grego da cidade de Tróia, que deu origem à palavra *Ilíada*, título do célebre poema épico de Homero.

E das que tenho observado
A minha será pior
Assim é que é do meu agrado.

Serpente atraíçoadora
Foi quem a mim me criou
Maldita foi essa hora
A quem a mim me gerou.

Maldita sim tão maldita
O Diabo deu-me o ser
Agora sim que eu tenho
Ao Diabo obedecer.

Em santuários não creio
Sagrados²³ escalarei
E os santos sacramentos
Nunca eu os receberei.

Olha para o céu e diz:

Meu gosto era pisar
O sagrado sacramento
E amaldiçoado será
Ele e o seu *protento*.

Tudo o que é mau eu farei
Em mim não cabem razões
Mais que roubar e matar
E comer seus corações.

Guarde-se do meu poder
Toda qualquer figura
Que o colher às mãos
Vai direito à sepultura.

Os montes e os penedos
Será o nosso paradeiro
Tirar a honra às donzelas
Isso faremos primeiro.

Agora aqui me direis
O vosso nome honrado
E jurareis de fazer
O que vos tenho falado,
Senão haveis de morrer
Assim o tenho pensado.

MARTO
Eu senhor Roberto
Ainda o farei pior

Pois do dia em que nasci
Sou agradável traidor.

O meu desejo é colher
Os homens e as mulheres
Tirando-lhe suas peles
Fazendo-as padecer.

FULMINANTE
Eu juro senhor Roberto
A todos fazer mais mal tratar
E aos padres que eu colher
Seus corações hei-de picar.

Guerra daremos ao mundo
Fogo faremos, vulcões
E depois também seremos
Danados como leões.

ROBERTO
Bem, ao monte senhores!

MARTO
A roubar os passageiros!

ROBERTO
A matar homens e mulheres!

FULMINANTE
A fazer danos soberbos!

ROBERTO
A colher casadas e viúvas!

MARTO
As solteiras desonrar!

ROBERTO
A picar seus corações!

FULMINANTE
Para depois os trincar.

Escondem-se todos no monte e saem o Ministro e o 1º Sargento e Rogério e diz:

ROGÉRIO
O melhor era voltar
Para trás senhor Ministro
Nada bem me cheira isto
Ainda agora vi Roberto,
Parecia Ferrabraz²⁴

²³ Nas versões de Avelanoso e de Sendim lê-se “sacrários”.

²⁴ Alusão a um dos personagens com este nome,

E se o torno a ver
Galgo a fugir para trás.

MINISTRO
Tem de nos acompanhar
Para o prender ou matar.

ROGÉRIO
Matar. *(Dá um assobio)*
Isso será melhor
Nem sequer o pensar
Nem tão pouco falar nisso.

Vê a Roberto e diz:

Olhe acolá o vejo vir
Adeus senhor ministro
Que já me vou a fugir.

*Vai-se a fugir e saem os ladrões do esconderijo,
batalham com o Ministro e com o Sargento depois
de o prender diz Roberto:*

Bom lance, viva os céus
Estes são os que dão fama
Ó que contente me vejo
Que triunfei na batalha.

Falai homens não dizeis
Que vindes aqui buscando
Pois segundo o que falais
Eu vos irei pagando.

MINISTRO
Cavalheiro! O senhor duque
Vosso pai manda chamar
Que venhais a seu palácio
Para convosco falar.

Que deixeis de habitar
Em esta triste morada
Terra dos malfeitores
Por escribas trabalhada.

Que venhais a seu palácio
E que deixeis de fazer
Tantas mortes e desonras
Não vos queirais perder.

Pois todo o ducado está
Contra vossa senhoria

Amaldiçoada será
Toda a sua companhia.

ROBERTO
Ah meu pai! Ah meu pai!
Que tenha tanta paciência
Em espreitar estes cães
Nisto faz-me grande ofensa.

Sou Roberto, vil traidor
A quem vindes espreitar
Sabeis o que é melhor
Os olhos meus camaradas
Vamos-lhe já tirar.

MARTO
Dito e feito!
Cumpram-se os vossos tratos
Que depois já podem ir
Todos a caçar ratos.

*Marto e Fulminante agarram-se cada um a seu e
o Ministro e o Sargento gritam e diz:*

FULMINANTE
De nada vos serve o gritar
Para o palácio voltar
Heis-de ter que apalpar
O caminho que levardes.

Depois de lhe tirar os olhos diz Roberto

Agora ficastes bem
Sem os olhos *heis-de* voltar
E dissei-lhe já ao meu pai
Que não me torne a incomodar.

Quero dar vida ao vício
E quero a todos roubar
Eu quero ser matador
E com armas pelejar.

Camaradas vamos já
Ao nosso horrendo destino
Ide-vos Ministro embora
E graças que vos deixo vivo.

E tu Sargento também
Que sem olhos tem ficado
Vai-te embora antes que
Te vejas mais desgraçado.

Vão-se os três ladrões e diz o Sargento:

conhecido pela sua ferocidade, filho do almirante Balão, na peça *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*.

SARGENTO

Agora requiem eterno
Faz-me esse homem dizer
Sem olhos fiquei agora
Já não voltarei a ver.

Aqueles cães do diabo
Que me puseram assim
Grandes *perros danados*²⁵
Ó pobrezinho de mim.

Meu senhor ministro vamos
Ao senhor Duque falar
E a nós com embaixadas
Que não nos torne a mandar.

MINISTRO

Sargento vamos depressa
A que o Duque [nos] mande curar
Tu não chores meu amigo
Que ele algo nos há-de dar.

1º SARGENTO

Ai senhor meu camarada
Eu sem olhos e não chorar.

Vão-se apalmando e dando quedas e sai Rogério

ROGÉRIO

Agora ficaram cegos
Coitados os dois morcegos
Devem ser bem pachorrentos
Pois sabiam que Roberto
Logo os fazia morrer
Fizessem como Rogério
Que se deitou a correr
Agora estão pior
Que tem mais que padecer.

Vão-se e sai o capitão e o 2º Sargento e diz:

CAPITÃO

Arvorai bem as bandeiras
Nos campos da Normandia
Para se formar a guerra
Neste notável dia.

Contra o filho do duque
Senhor Alberto é chamado
O que mandou publicar
Contra seu filho malvado.

Eu capitão general
Neste notável dia
A tropa hei-de comandar
Sem nenhuma cobardia.

Meus soldados mandarei
Hoje mesmo a pelejar
Contra Roberto malvado
Com ele hei-de acabar.

Vossas armas carregai
Ide todos bem armados
Fogo contra ele dai
Cumprindo meus ordenados.

A sua cabeça será
Exemplo da Normandia
E não vos acobardeis
Dessa fera embravecida.

As armas meus capitães
Força e fogo meus sargentos
Soldados nesses momentos
Prenderemos os ladrões.

Abrasaremos esses montes
Onde Roberto se acha
Como capitão valente
Dirigirei esta marcha.

Que nos faz mui grande conta
Com essa gente acabar
Porque as donzelas desonra
E a morte lhe sabe dar.

Ó maldição da mulher
Ó duquesa desgraçada
Que bem soubeste trazer
Uma fera envenenada.

Esse homem é que foi
Concebido pelo amor
Do Diabo como dizem
Com o poder de encantador.

E no dia em que nasceu
Houve no seu ducado
Sinais tão admiráveis
Que ficou tudo atormentado.

A sua história será
No mundo a de mais horror

²⁵ Estes dois versos não se encontram na versão de Avelanoso. Tratar-se-á de um acrescento de um regrador mirandês, visível na palavra mirandesa *perro*?

Mas de breve²⁶ morrerá
Se não se fizer melhor.

Vamos começar a guerra
Fechamos esta bandeira
Nos campos da Normandia
Será o terror da terra.

2º SARGENTO

Eu farei o melhor que possa
Hei-de sempre obedecer
A mais nobre companhia
Hei-de a eu reger.

CAPITÃO

E será bem premiado
O seu esforço e valor
Pelejar contra Roberto
Com acertado terror.

2º SARGENTO

O outro meu camarada
Sargento de Normandia
Esse Roberto do diabo
Arranjou-o neste dia.

CAPITÃO

Que lhe fez meu sargento

2º SARGENTO

Tirou-lhe os olhos e não via
Com mui grande sentimento.

CAPITÃO

A casa do nosso senhor duque
Temos bem que a guardar
Porque senão o seu filho
Ainda o pode matar.

Morra, morra esse traidor
Esses montes nós cerquemos
Com esforço e com valor
A morte logo lhe demos.

Vão-se e sai a Dama e o Duque e diz a Dama:

Senhor Duque a senhora
Me mandou aqui falar
Com vossa alteza, o melhor
É que tem que terminar²⁷.

A morte de seu filho dar
Porque é grande traidor
É como fera horrível
Faz coisas parece incrível
Os senhores que mandou
Ao monte para o chamar
Vosso maldito filho
A morte lhe queria dar
Vivo ainda os deixou
Mas os olhos lhe tirou
Isto disse-me a senhora
Que há pouco aqui me deixou.

*Vai-se a Dama e sai o Ministro e os Sargentos e
diz o 2º Sargento:*

Ó camarada quem foi
Que vos pôs tão desgraçado.

1º SARGENTO

Foi Roberto do Diabo
Que os olhos me tirou
Quase de mim deu cabo
Por pouco não me matou.

Andam lá nessas montanhas
Eles e outros companheiros
Roubam, matam passageiros
Só fazem destas façanhas.

MINISTRO

Senhor Duque, ensanguentados
Chegamos de ver a Roberto
Só pelo tino é certo
Sem olhos tão desgraçados.

Seu filho foi quem tirou
Nossos olhos por pagar
A embaixada que levamos
Não nos valeu pelejar.

1º SARGENTO

Eu não volto meu senhor
Com embaixada nenhuma
Agora sim que fiquei
Sem olhos de ver a lua²⁸.

ALBERTO

Muito sentimento tenho
Agora assim vou olhar

²⁶ Cf. o advérbio mirandês *debrebe*, “brevemente”, forma que se encontra na edição do GEFAC e “depressa”, na edição de Sendim.

²⁷ Determinar, em outras versões. Contudo, em

mirandês, terminar significa “combinar”, pelo que o verso fica com sentido, embora diferente.

²⁸ Trata-se, sem dúvida, de nota muito poética no meio desta tragédia.

Sem vista como vos vejo
E não vos posso remediar.

Mandarei vir o médico
Que ele bem vos há-de curar
Com doença não estejais
Nem estejais a chorar.

Que o meu ducado todo
Pode-vos bem manter
Sargento meu servidor
Toda a vida tens que ser.

Agora faremos logo
Minha ordem publicar
Para que seja alistado
O que queira pelejar.

Contra meu filho Roberto
Vingança quero tomar
Os meus soldados valentes
A morte lhe hão-de dar.

Sai o médico e diz:

Mui Augusto soberano
Às ordens de vossa alteza
Apressadamente venho
Caminhando com presteza.

À sua disposição
Ponho todo o meu valor
Minha fiel afeição
E meu soberaníssimo senhor.

O furor de seu filho pois
Praticou mui feia acção
Tirando os olhos aos dois
Sem ter dó, nem coração.

Pena sinto meu senhor
Por ver tais padecimentos
Por mim incutem terror
Tão atrozes sofrimentos.

Mas especialista que sou
Em doenças dessa natureza
Eia poisai-lhe os olhos
Que eu já vos vou fechar
E o senhor fique tranquilo
Que eu vos vou já curar.

Vamos pois senhor ministro
Tenha pois boa fé em deus

Que adiante a sua cura
E que adiante os serviços meus.

E passado pouco tempo
Seus males serão curados
Observando os meus conselhos
Recebendo os meus cuidados.

E então o meu sargento
Porque nos havemos de afligir
A medicina tudo cura
O que resta é *reexistir*²⁹.

Aí fica já com vista
Pode contar como é certo
Mas tenha muito cuidado
Não encontre o tal Roberto.

1º SARGENTO
Graças meu Deus vos dou
Que a ver a lua voltei
A minha razão pasmou
Dos tormentos que passei.

E vós, senhor doutor
Que já me haveis curado
Lembrando-me tanta dor
Fico-vos muito obrigado.

MINISTRO
Eu da mesma maneira
Não me atrevo a ficar mudo
Curaste minha cegueira
Só a vós devo tudo.

Por isso doutor amigo
Sem nada mais me *espersar*³⁰
Pode contar comigo
Para tudo o que prestar.

MÉDICO
Obrigado meus amigos
Por vossos oferecimentos
Tirar doentes dos perigos
São só os meus pensamentos.

²⁹ Na nossa versão dactilografada esta palavra foi corrigida para “rejistir”, que é a forma mirandesa. Mas também a construção “o que resta é” é bem mirandesa, significando “o importante é”. Assinale-se ainda que no texto de Avelanos esta cura não acontece. O médico limita-se a pedir a intervenção divina.

³⁰ Por “expressar”, mas que na versão de Sendim foi “corrigido” para “esperar”.

Agora ficai sossegados
Nunca mais penseis em tal
Curar os molestados
É o meu dever profissional.

Para o duque:

Vossa Alteza fique descansado
Não tenha nenhuns cuidados
Eu cumprindo o meu ordenado
Aí lhos deixo já curados.

DUQUE

Isso mesmo é o que desejo
Meu médico muito amigo
Pois ao olhar quanto vejo
Mais simpatizo consigo.

Mas quero-lhe perguntar
Tire-me destes cuidados
Sem a verdade me faltar
Eles ficam bem curados?

MÉDICO

Com olhos ficam senhor duque
E falando agora nós sós
Embora eles não vejam
Ao menos vemo-los nós.

Isto são habilidades minhas
Decorridos das ciências humanas
Aplicada nos estudos
Quando queimeí estas pestanas.

Com doença ninguém esteja
Digo a todo o auditório
A qualquer hora que seja
Batam no meu consultório.

Adeus senhor Duque
Fico em tudo ao seu dispor
Mande em toda a ocasião
Este leal servidor.

Vai-se o médico e sai a Duquesa e diz para o Duque:

DUQUESA

Faz o que há-de fazer
Não deixes assim teu filho
Porque se assim vai
A todos traz em perigo.

Ordena de o mandar matar

Que merece seu proceder
Assim seja sem tardar
Que se não pode sofrer.

ALBERTO

Isso será melhor
O tempo não perder.

1º SARGENTO

Tem que ir muita força
E toda muito bem armada
Para o seu grande poder
Um cento não vai nada.

MINISTRO

Eu isso tenho pensado.

DUQUESA

Vou-me para o castelo
E mais não quero saber
Desse meu filho maldito
A quem lhe dei o ser.

ALBERTO

Fica-te nele fechada
E não abras a ninguém.

2º SARGENTO

Olhem que é muito mau.

MINISTRO

Não é filho de tal mulher.

Vai-se e sai Roberto com a espada na mão e diz Roberto:

Sem temor de Deus estou
Seguindo todos os males
Cortei agora a cabeça
A sete senhores frades.

E como os meus instintos
São inclinados ao mal
E todos os que encontre
Morrerão do mesmo mal.

As mulheres que eu colher
Logo as hei-de desonrar
E depois em recompensa
Seus corações *arrincar*³¹.

³¹ Forma mirandesa. Nas versões de Sendim e do GEFAC lê-se “arrancar”.

Sai Júlia Pastora com o rebanho de ovelhas e cordeiros e continua:

ROBERTO
Aqui vem uma pastora
Agora vou a espreitar
E para a minha cova
Hei-de a logo levar.

Esconde-se no monte e canta Júlia:

A vida de uma pastora
Por ninguém seja invejada
Ainda que tem descanso
Anda muito desconsolada.

De dia ao calor do sol
Ao par das suas ovelhas
De noite dorme agitada
Olhando para as estrelas.

Fala

E com muito sentido
No gado todo
Não venha o lobo
Feroz carniceiro
Furtar algum cordeiro.

Canta

Eu tinha pressentimento
Dentro do meu coração
Que dá fim a minha vida
Nas garras de algum ladrão.

Fala

Pastai alegres ovelhas
Pastai alegres cordeirinhos
Pode ser que hoje mesmo fiquéis
Sem gozar os meus carinhos.

Canta

Que tristeza para vós
Que desgraça para mim
Se aquele pai do céu
Permitir que seja assim.

Como acontece às pombas
Nas garras dos gaviões
Também me sucede a mim
Se me vêm os ladrões.

Sai Roberto e fala Júlia desde que o vê:

JÚLIA
Ó triste me mim coitada
Como estou de afligida,
Que já vejo os malfeitores
Que me vão tirar a vida.

Roberto agarra a pastora e continua Júlia:

Valha-me Nosso senhor
E o anjo da minha guarda
Que já me levam os ladrões
Deus recolha a minha alma.

ROBERTO
Não te valerão os santos
Nem pelo teu Deus chamar
Anda para a minha cova
Que lá te estão a esperar.

Sai Marto e Fulminante e diz Marto:

Camaradas olhai o nosso Roberto
Já caçou outra mulher
Vamos a coadjuvá-lo
Ajudemo-la a trazer.

Agarram-se todos à Pastora e diz Marto:

Agora sim que eu me vejo
De traições bem satisfeito
Que quebrei minha lança
Ao enterrar-ta no peito.

A mulher que eu colher
Logo a hei-de desonrar
E depois em recompensa
Seu coração arrancar.

Quanto eu me regalo
[De] trincar um coração
Das donzelas que eu colher
Esta é minha feição.

FULMINANTE
Pica-la bem picadinha
E vamo-la a guisar
Comeremos bons bocados
Logo na hora do jantar.

Vão-se levando a Pastora e sai Rogério.

ROGÉRIO

O diabo da matilha
São piores que os ratos
Andam ali nos matos
Não poupam mãe nem filha,
Olhai aquela pastora
Que alegre vinha cantando,
Como a foram esfarrapando,
E eu estou-me a demorar
Deixa-me ir embora,
Não me venham cumprimentar!...

*Vai-se e sai Roberto. Ouve cantar e escuta.
Música. Vai sair Jesus Cristo em figura de
pastor para falar a Roberto:*

Com grande excesso de amor
Obedece ó Roberto
Aos conselhos que te dá
Fazendo o que eles te manda
A glória te lavar.

Sai Jesus em figura de pastor e diz Roberto:

Ó quem me dera saber
O que isto virá a dar
Um Diabo dum pastor
Quero agora espreitar.

JESUS
Roberto meu camarada
Aqui te venho falar

Roberto desembainha a espada e diz:

Defende-te, vou-te matar.

Jesus de Joelhos:

Ó Roberto pelo amor
Te peço do coração
Do nosso Deus salvador
Não me toques com tua mão.

ROBERTO
Dou-te palavra pastor
De te não fazer maldade
Mas o que eu te perguntar
Hás-de dizer a verdade.

Levanta-se Jesus.

Diz-me agora aqui já
Aonde estará meu pai

Porque quero saber dele
E também de minha mãe.

JESUS
Teu pai está em Paris
Naquela corte metido
Pensando sempre e chorando
Pelo amor de seu filho.

Tua mãe essa Duquesa³²
Está pertinho de aqui
Ó Roberto quanto choram
Os dois por amor de ti.

Estão no castelo de Darque
Em contínua oração
Pedindo e rogando a Deus
Pela tua conversão.

Tu não sabes que o meu Deus
Tem de te castigar
As tuas acções mundanas
Te farão muito penar.

Eu sou um pobre pastor
Que por estes campos ando
Sem ovelhas nada mais
Que a desgraça buscando ando.

Falando a ovelhas perdidas
E ao meu rebanho trazer
As ovelhas que se querem
A toda a hora arrepender.

Muito sangue me custou
Para bem as resgatar
Agora quero Roberto
Minhas ovelhas guardar.

Eu sou profetizado
Desde o princípio do mundo
Que me vem a descendência
Daquele varão sem segundo.

Eu sou, Roberto, quem posso
Sem ter armas pelejar
Mas olha tu és cristão
Eu venho-te aqui falar.

Olha-me tu bem aqui

³² Esta quadra não nos aparece na versão editada pelo GEFAC. Na versão de Sendim lê-se: “Está no castelo do Duque”, verificando-se, pois, que na nossa versão o “copista” cometeu uma ligeira incorrecção.

Ainda que me vês pastor
Sou o mesmo Jesus Cristo
Sou o mesmo salvador.

Tira a capa e fica Jesus Nazareno.

Olha-me bem as feridas
Que eu por ti recebi
Por todos os pecadores
Olha-mas agora aqui.

De mim nunca desconfies
Volta-te para a minha lei
Que é cristã e verdadeira
A melhor de toda a grei.

Tu sempre estás contra ela
Mas a minha religião
Ainda que é combatida
É firme o nosso pendão.

Meu pai expulsou do céu
Os anjos todos malignos
Agora todos comandam
Os vossos torpes desígnios.

E como eles ficaram
Decendidos ao profundo
Querem agora levar
Todas as almas do mundo.

*Cobre a capa e fica um pastor*³³.

Não duvides não Roberto
Olha-me já de pastor
Mas não esqueças que eu sou
O mesmo salvador.

Eu de ti tenho grande dó
Eu não quero que te percas
Tu não tiveste a culpa
De sair como as feras.

Tua mãe é *mui* cristã
E é cristã verdadeira
Mas ao conceber-te a ti
Ao Diabo pediu ela.

Que concebesse um filho
Que a ela se *aparecera*
Eu lhe dei lugar ao vício

E esse castigo lhe dera.

Pois que toda a maldição
Saída de uma mulher
Por castigo quase sempre
Eu tenho de conceder.

Parte já, e à tua mãe
Falha-lhe logo assim
Que não te esqueças nunca
Do que eu te falei a ti.

No castelo de teu pai
Lá está bem encerrada
Pedindo do coração
Pela tua infeliz alma.

Ela tem muito desejo
De que a tua senhoria
Queira também ir morar
Lá na sua companhia.

Vai-se e diz Roberto:

E não lhe fiz nenhum mal
Não matei o pastor não,
Um espírito imortal
Tocou no meu coração.

Agora vou ao castelo
A saber de³⁴ minha infeliz mãe
Para que ela me diga
Aonde está o meu bom pai.

Dali irei ter à cova
A falar com os ladrões
Que se convertam também
A fé os seus corações.

Vai-se e sai Rogério

ROGÉRIO
Ó que pastor tão palhaço
Que sem pistola nem espada
Nem guerrearem nada
Fez de Roberto um baração.

Este sim que lhe deu nas modas
Que lhe atirou com as armas todas
E falavam em confissão
Isto deve ser mistério

³³ “O pastor de São Pedro da Silva vestia uma capa d'honras mirandesa”, lê-se numa nota manuscrita da autoria de António Maria Mourinho.

³⁴ Esta expressão “a saber de” é também bem mirandesa.

E não entende Rogério
E vai-se na confusão.

Vai-se e sai Roberto e vai ao castelo e diz Roberto:

Abra a porta minha mãe
Que Roberto não vos faz mal
No seu coração tocou
Um espírito imortal.

De dentro diz a mãe

DUQUESA
Ó filho, tu já vens
Ao castelo fazer mal.

ROBERTO
Abra a porta minha mãe
Que um fogo celestial
Sinto em meu coração
E não me deixa fazer tal.

Sai a Duquesa e põe-se de joelhos aos pés do filho e diz Roberto:

Levantai-vos minha mãe
E mais aqui não choreis
Que não quero fazer mal
Sentindo-me vós o vereis.

Levanta-se a Duquesa

Abençoi minha mãe
Este filho desgraçado
Que envolto em tanta maldade
Cometeu tanto pecado.

Já chegou o feliz dia
De a seus pés vir humilhado.

DUQUESA
Abençoo-te meu filho
Em nome do criador
Não quero que faças mal
Peço-te isto com amor.

Olha as ruas sangrentas
Todas a tremer de ti
Chorando pelas maldades
Que tens feito até aqui.

As mães ficaram sem filhos
Os homens sem as mulheres

Tu as roubavas e as matavas
Desde que cumpres teu prazeres.

Roubando e matando gente
E nos montes habitar
Como lobos carniceiros
Só pensando em matar.

Deixa meu filho essa vida
E vai-te já confessar.

ROBERTO
Farei o que me mandais
Mas quero-lhe perguntar
E saber de meu pai
É o que acabo de pensar.

Saber se o Duque, meu pai,
O *coperon*³⁵ qualquer maldade
Para eu ser insolente
Que é um pecado mui grave.

Pois que muitas vezes são
Culpados o pai e a mãe
E quasi sempre recaí
Sobre filhos de geração.

Desde que me conheci
Nunca tive um pensamento
Bom para fazer bem
Fui diabólico instrumento.

Quem seria a causa disso
Para emendar minha vida
O que é que eu mais preciso.

(À parte, diz a Duquesa)

Graças meu Deus vos dou
A meu filho eis perdoar
A culpa de ele ser mau
A ninguém tenho que a *votar*.

Meu filho atende agora
O que te vou a falar
Ao olhar teu que não
Tinha filhos para deixar.

Herdeiros no seu ducado
Não parava de ralar
Em um dia estando os dois

³⁵ Na versão de Sendim lê-se “praticou” e na editada pelo GEFAC “cooperou”.

Em acto de *matrimoniar*.

Ao tempo de conceber
Eu comecei a falar
Dizendo conceba eu
Ainda que seja o Diabo
E ao Diabo ofereci tudo
Se fosse do seu agrado.

Logo nisto concebia
E dentro do meu coração
Uma fera conhecia
Tão forte como um leão.

E ao tempo de tu nascer
O meu palácio tremeu
E o dia escureceu
É o que te queria dizer.

Agora ó filho meu
A ti eu peço perdão
Olha para o céu
E vós ó pai do céu
Deitai-nos vossa bênção.

Graças dou à mãe de Deus
E a vós meu salvador
Que a meu filho convertestes
Sendo grande pecador.

Perdão peço à mãe de Deus
E ao Santíssimo Sacramento
Que perdoeis a todo o mundo
E ao meu grande atrevimento.

ROBERTO
Obrigado minha mãe
Pelo esclarecimento.

*Sai a Duquesa e Roberto dirige-se para o monte
sai-lhe ao encontro Lusbel*

LUSBEL
Roberto tão esforçado
E foste meu servidor
Como te deixaste vencer
De um tão pobre pastor.

Ele meteu-te medo
Ao ver-lhe pintar de sangue
Foi porque o mereceu
Cometendo danos grandes.

Quando de Jerusalém

Ele de lá foi expulsado
Por escribas e fariseus
Por se crer fazer honrado.

Ele foi grande traidor
Contra a lei do rei Herodes
Por isso saiu da cidade
Ao som de vários tambores.

Agora vem iludir-te
Com palavras de lisonjeiro
Sendo um pobre pastor
Mostra ser Deus verdadeiro.

Nunca creias em pastores
Que é de fraca sabedoria
E todos são ignorantes
Mesmo até em sua própria vida.

Abre os olhos e verás
O que eu te digo é verdade
A ti e aos companheiros
Sempre te liguei amizade.

Desde a hora em que nasceste
Até agora sempre andei
Defendendo a tua pessoa
E pondo-me contra a lei.

Que queria dar-te a morte
Também queria teus pais
E todos os de sua corte
De Normandia e os demais.

Como me queres deixar
Sendo tanto meu amigo
A quem te defendeu sempre
E tirou-te tanto perigo.

ROBERTO
Tudo isso foi verdade
Mas estou eu de outro parecer
De fazer o que me manda
O que tem maior poder.

Sofrer todos os martírios
Que por Deus me foram impostos
Levá-los com paciências
Levá-los com grande gosto.

LUSBEL
Como te atreves traidor
Diante de mim a falar
Palavras de tanta ofensa

Juro que me hás-de pagar.

Nas cavernas infernais
Pagarás o merecimento
Porque o deves com verdade
Sendo tão *sangriolento*³⁶.

As desonras que fizeste
E *homicídias* cometidas
Juro que as hás-de pagar
Ardendo nos fogos vivos.

Empurra para o vulcão e diz:

Entra para os salões
Que lá te está preparado
Nos deliciosos assentos
Pagarás os teus pecados.

Fundem-se e sai Rogério

Sempre estive uma função
Iria para bom lugar
Pois era tão fanfarrão
E deixou-se assim mangar.
Ainda me vou assomar
Se quiser sair
Vou-lhe dar a minha mão.

Assoma-se e chama:

Ó senhor Roberto do Diabol!
Não responde!
Está calado!
E talvez seja com o susto
Senhor Roberto?
Que muito cheira a chamusco
Já não sai
O tal patusco
Não o deixa cá tornar
Vou o buraco tapar
Para que não saia ninguém
Lá está muito bem
E nós cá sem vós também.

Tapar o buraco bailando em cima diz:

Maroto!
Marmanjo!
Mariola!
Só querias matar gente!
Agora ficas ao quente!

Dentro dessa gaiola!

Vai-se.

Fim da primeira parte

³⁶ Cf. mirandês “sangre”.

Profecia

Na parte primeira representada
Já vistes o que eu vos expliquei
Na parte segunda também vos direi
Em como Roberto foi perdoado

Um anjo do céu por Deus mandado
Extinguir o fogo daquele vulcão
Tirar Roberto daquela escuridão
E mandado a Roma a ser confessado.

Depois de seu pai lhe ter perdoado
Marchou para Roma a fazer confissão
O Papa o mandou a um ermitão
Que vivia no monte a ser confessado.

Depois que ao monge se tem confessado
Um anjo aparece e lhe faz referência
Mandado por Deus a trazer penitência
Que Roberto aceitou com todo o agrado.

Mudo sem falas, fazendo loucuras,
Sete anos assim teria que andar,
Comendo somente o que pudesse tirar
A todos os cães que visse nas ruas.

Para Roberto alcançar perdão
E cumprir penitência de tal rigor
Dirigiu-se a casa do imperador
E ali viveu na companhia de um cão.

O soberano viu e observou
O mudo o osso ao cão lhe tirar
Manda-lhe logo dar de jantar
Por acenos o mudo não aceitou.

O imperador vendo isto pasmado ficou
Porque o louco para o cão olhava mui
sério
Conhecendo logo este mistério
Dobrar a comida ao cão lhe mandou.

Sete anos Roberto com muita paciência
Viveu na companhia deste cão
Cumprindo com gosto aquela penitência
Que lhe havia imposto aquele ermitão.

Durante este tempo que Roberto cumpria
A penitência no palácio cresceu
Uma princesa que o almirante judeu
Em casamento ao soberano pedia.

A filha é muda não pode falar

Mas por acenos diz que não quer
O almirante com todo o poder
Ao soberano vai guerrear.

Roberto que está cumprindo o dever
Com o cão no jardim que é seu
companheiro
Um anjo do céu lhe vem trazer
Armas de guerra e armar cavaleiro.

Dizendo vai não tenhas temor
De pelejar com almirante pagão;
Defende a pessoa do imperador
E que não te conheça nenhum cidadão.

Deu-se três vezes a repetição
E o combate cada vez pior;
O guerreiro do cavalo branco
Foi o que sempre saiu vencedor.

O imperador alegre e contente
Agora estava no império franco
Impaciente por não saber,
Quem seria o guerreiro do cavalo branco.

Foi quem venceu aquele pagão
E livrou também o soberano da morte
Oferece a filha para consorte
Ao guerreiro que foi lhe dá sua mão.

Queria por força o almirante pagão
Aquele princesa a sua mão unir;
E ao soberano lhe vai a mentir,
Dizendo que ele era aquele valentão.

O soberano acredita aquele intrujão
E como a princesa não pode falar
À força a leva para casar
E Roberto lhe mostra com a vista aflição.

Estava o pontífice naquela função
Que Cristo deixou na humanidade
Despende-se o órgão com tal vibração
Que a muda rompeu falando a verdade.

Tudo é intrujice e gran falsidade
A princesa disse por fim
Quem defendeu vossa majestade
Foi o louco que está no jardim.

E se em mim não quereis confiar
Eu darei provas porque vi tudo
Um anjo vi que o mandou batalhar
E tornou ao jardim a fazer-se mudo.

Se às minhas palavras não dais confiança
Na última vez vi eu trazer
Espetando na perna um bocado de lança
E no jardim o vi esconder.

A princesa falava com tanta *delocoencia*³⁷
Que tudo estava muito admirado
Um anjo levanta-lhe a penitência
E Roberto ficou de Deus perdoado.

Foi tanta a alegria em toda a redondeza
Em Roma e ali em todo o redor,
Roberto depois casou com a princesa
E o papa o coroa por imperador.

Não³⁸ é possível qualquer pecador
Das suas culpas alcançar o perdão
Basta pedir com bem contrição
Como pediu Roberto traidor.

Aqui dou fim ao meu arrazoado
Atendem senhores ao que expliquei
Se no meu discurso algum erro dei
Espero de vós ser desculpado.

Vai-se e sai Rogério

Cá o nosso profetisa
Veio acabar de dizer
O que a todos vos convém
Para todos entender
E conclui afinal
Ora disse bem
Talvez diria mal
Ora disse bem
Talvez diria mal.

*Vai-se dizendo isto...*³⁹
Música.

Sai dessa gruta Roberto
Não sejas tão pecador
Que já o nosso Deus te chama
Volve-te ao seu amor.

Roberto do Diabo foste
Roberto de Deus serás

Sempre pela lei de Deus
Os hereges vencerás.

Aparece um Anjo e apaga o fogo do vulcão e diz:

ANJO
Sai daí ó pecador
Desse fogo tão profundo
Olha que te falou
Aquele varão sem segundo.

Pecador arrependido
Tu, Roberto tens que ser
Aqui me mandou falar
Aquele que tem mais poder.

Chora os teus pecados
E a todos pede perdão;
Que pelo Diabo enganado
Andou no teu coração.

A maldição que a mãe
Sobre ti tem lançado
E a que te faz andar
Envolto em tanto pecado.

Aparta fogo daqui
Deixa sair a Roberto,
Que daqui para diante
Não fará o que tem feito.

Vai-se o Anjo e sai do vulcão e diz Roberto:

Deixai-me sair daqui
Que venho espavorido,
Ao olhar quanto olhei
Estou bem arrependido.

Entre rodas de navalha
Em um fogo de um vulcão
Andei sofrendo e penando
Arrastado por um cão.

Eterno Deus, que misericordioso és
Como permites que um filho pague
Com sua inocência o que fez
Sem saber nem pensar sua madre.

Ó pecador de mim quanto tempo
O Diabo sem saber tenho servido
Com minha perversa e má vida
Sem nunca ma ter arrependido.

Ó maldito Diabo, sejas maldito

³⁷ Por “eloquência”.

³⁸ Este advérbio introduz uma contradição na frase que deveria começar por “mas”, tal como se lê na versão de Sendim.

³⁹ Na versão de Avelanoso estas palavras são ditas pelo Profeta que correspondem, nesta versão, à Profecia.

Que com tua cautela e capitão
Buscas privar-me da glória eterna
Para me levar à eterna perdição.

Pelo poder que a minha mãe te deu
Andaste sempre sobre mim
Introduzido no coração meu
Fazia sempre o mal guiado por ti.

Ó astuto enganador como conheces
A fragilidade do sexo feminino
Obrando nele como canino
Um cão danado que fenece.

Ó soberano e poderoso senhor
Assim como vós perdoastes
Aqueles que vos crucificaram
Tantos insultos vos maltrataram.

Perdoai-me Senhor assim também
E a triste infeliz da minha mãe
Que com tal erro o pecado cometeu
Por dar todos os gostos ao pai meu.

E a mim como mais pecador
Que tenho sido neste mundo desastroso
Perdoai-me Senhor por vosso amor
Já que sois tão misericordioso.

Ponde Senhor no meu coração
Um inteiro arrependimento
Dos meus pecados farei contrição
Sem ocultar um só pensamento.

Perdoai minha mãe perdoai
A vosso filho ser tão desgraçado
Por ser vencido pelo pecado
Para sempre no inferno cai.

Perdoai-lhe e dizei-lhe ao meu pai
Que tenha de mim compaixão
Que me perdoe a desobediência
E me deite a sua bênção.

Que eu me vou fazer penitência
Parto para Roma já
Ao Sumo Pontífice fazer confissão
A ver se alcanço absolvição
Pois Roberto arrependido está.

Agora vou-me ao forte onde estão
Os meus companheiros de roubar
Para que deixem aquela má vida
E se venham comigo confessar.

Vai-se e sai Rogério

Eu estou admirado
Deixar Roberto os patrões
Não deixarão de lhe dar
Lá em baixo uns bons tapões.

A corja de ladrões
Tornaram-no a *empontar*⁴⁰
Por ele ser tão velhaco
Não o podiam aturar.

Fosse lá como fosse
O certo é que tornou
Deus nos defenda dele
E dos que acompanhou.

Vai-se e sai o Duque e a Duquesa e diz a Duquesa:

Alberto já nosso filho
Se tornou à nossa lei
A mim pediu perdão
E da sua boca o sei
Que vai fazer confissão.

ALBERTO
Ó milagre verdadeiro
Ó cordeiro celestial
Sendo grande pecador
Quiseste-lhe perdoar.

Perdoai meu Deus amado
A meu filho com amor
Que andou tão desgarrado
Como ovelha sem pastor.

Pois ele foi nesta vida
Um herege matador
Recolhei meu Deus amado
Essa alma com amor.

Que das histórias passadas
A de meu filho é a pior
Por isso é que eu peço
Por sua alma ao senhor.

A Roma ao Padre Santo
Irá fazer confissão
E com a sua mão direita

⁴⁰ Palavra mirandesa: *ampuntar* significa “mandar embora”.

Lhe deite sua bênção⁴¹.

Por nós foi a sua vida
Sempre má e desgraçada
Agora por Deus será
Sua alma perdoada.

E nós contentes regendo
Nosso formoso ducado
Daremos graças a deus
Por lhe ter perdoado.

Nós sempre com alegria
A Deus *hemos*⁴² servir
Porque se dignou a
As nossas súplicas ouvir.

E em nosso benefício
Nomearemos daqui
Ao capitão general
Que serviu sempre a mim.

A nossa força bem armada
Ele tem que comandar
Em favor do imperador
Romano, se pelejar.

Que tem uma filha muda
E creio que a quer levar
Um almirante pagão
Para com ela casar.

Mas a guerra já formada⁴³
Contra ele vai estar
E o nosso filho Roberto
Nela tem que pelejar.

Creio que o imperador
Não se deixará vencer
Ele tem mui grande força
E também muito poder.

*Sai o General o 2º Sargento os soldados e
continua o Duque:*

ALBERTO

Ide General valente
Defender o Imperador
Que não venha esse pagão
A meter-lhe mais terror.

CAPITÃO GENERAL

Eu farei o que me manda
Com esforçado valor
Defenderei a lei santa
Sem receio nem temor

Meus soldados mandarei
E com esforçada mão
Minha espada *esgrimarei*
Como verdadeiro cristão.

Venha, siga-me Sargento
Para Roma pelejar
Em favor do Imperador
E não se pode escusar.

Fique com Deus senhor Duque
E também senhora Duquesa
Nós marchamos com a ordem
Que nos mandou vossa alteza.

ALBERTO

Ide sempre meu capitão
Meu filho está em Roma
Fazendo confissão
Esperando que o meu Deus
Lhe outorgue o seu perdão.

Vai-se o Duque e a Duquesa.

CAPITÃO GENERAL

Sua Alteza a força que eu⁴⁴
Disponha do meu brasão.

*Vai-se o General e a sua tropa ao palácio do
Imperador e diz o Imperador:*

Quem vos mandou aqui vir?

GENERAL

O Duque de Normandia
Mandou-me com muito ardor
A defender a bandeira
Do senhor Imperador.

⁴¹ No original, esta forma aparece sem acento, por imposição de rima e por ser assim que se pronuncia.

⁴² Forma mirandesa do presente do indicativo do verbo haver, primeira pessoa do plural.

⁴³ A expressão “formar guerra” é bastante comum em mirandês. Ouvi-a, por exemplo, no conto *Bingalas de Ferro*. Mas também se diz *formar ua nubrada, formar ua lhuita*, etc.

⁴⁴ Nas versões de Sendim e do GEFAC lê-se: “Sua Alteza faça (com) que eu / Disponha do meu brasão”.

IMPERADOR

A guerra vai começar
Contra o almirante judeu
Que minha filha quer levar
Sem consentimento meu.

A minha filha só conta
Doze anos de idade
E não a dou a ninguém
Será a real majestade.

Herdeira do meu império
Ela é a que há-de ser
Por isso a querem todos
Pelo seu grande poder.

Agradeço a fineza
Do Duque de Normandia
Venha logo a minha armada
Com a sua companhia.

Temos que nos defender
Desse almirante judeu
Se ele tem muito poder
Muito poder tenho eu.

Roma Baluarte de Roma
Portas dos fortes castelos
Praças muralhas e fortes
Agora defenderemos.

E qual outro desordeiro
As portas escalarei
E com valentia imensa
Sempre me defenderei.

Façam já sentinela
Soldados da Normandia
E se bem defenderem
Premiá-los *hei* um dia.

CAPITÃO GENERAL

Ficai em vosso palácio
Imperador soberano
Que eu regerei a gente
Cumprindo vosso mandado.

Vai-se e ficam fazendo guarda os soldados e sai Rogério.

ROGÉRIO

Poderoso Deus eterno
Valei-nos em tanto aperto
Agora desde que a Roberto

O tornaram a *empontar*
Os pelotões do inferno
Temos que ir guerrear
Com o almirante pandilha
Em favor do Imperador
Porque não lhe dá a filha
Para com ela casar
São Bertoldo⁴⁵ nos acuda
Pois isto não vale a pena
Pois a princesa é muda
Não fala só acena
Faz O....O...Ma...Ma...To...To...

Vai-se fazendo como um mudo e sai e vai à cova dos ladrões que estão a jantar e diz Roberto.

A boa hora cheguei
Meus camaradas antigos
Jantai e jantai bem
E atendei ao que vos digo.

Mas sentai-vos a jantar
Não queirais ser desinquietos
Que eu quero-vos falar
Aqui casos muito certos.

Ouvi-me com muito atento
Prestai-me toda a atenção
Quero-vos aqui dizer
Uma mui certa razão.

Amigos vós bem sabeis
Os pecados cometidos
Contra Deus temos feito
Desde que fomos nascidos.

Peço-vos de coração
Que vos arrependais
Dos pecados cometidos
E não volteis a fazer mais.

E fareis como eu quero
Uma inteira confissão
Para que Deus nos perdoe
Pedindo-lhe de coração.

⁴⁵ No final do século XI, São Bertoldo, vindo da Calábria para a Palestina, como cruzado ou peregrino, escolheu o monte Carmelo, onde hoje se encontra a cidade de Haifa, e aí fundou a sua comunidade que está na origem da Ordem das Carmelitas. Contudo, esta alusão poderá vir de outra fonte que é uma figura da literatura de cordel, de origem italiana, que está na origem do significado de tolo, palerma ou estúpido, que lhe é atribuído.

Assim podemos alcançar
Eterna glória e calma
E depois Nosso Senhor
Premiará nossa alma.

A nós chamam-nos cristãos
E com o sangue de Jesus
Fomos todos redimidos
Naquela árvore da cruz.

Que só ele o sabe dar
A quem o serve com amor
O seu verdadeiro prémio
Um eterno resplendor.

Deixai agora o Diabo
Que com a astúcia que tem
Dirige-vos sempre o mal
E não vos deixa fazer o bem.

E com suas tentações
O fruto que haveis de colher
É meter-vos no inferno
Para sempre, sempre arder.

Levantam-se e diz Marto:

Agora senhor Roberto
Vejo que zombais de nós
Pois a fazer estes males
Não nos ensinastes vós?

Não fostes vós quem nos trouxestes
Para esta forte montanha
Nossas malignas pessoas
As que ensinastes com manhas.

A roubar a matar gente
A aprender a má doutrina
Agora falais assim
Fazendo de nós zombaria.

Não sois vós o capitão
Como forte temerário
Nos guiais nesta empresa
Porque dizeis, é o diabo.

Agora é que vindes
Com esta nova notícia
E dizer que nos apartemos
Desta tão forte malícia.

E depois por vosso amor
Aderir neste mundo

Uma tão horrível fama
É nosso mal tão profundo.

O mandar-nos apartar
Desta mundana vida
É trabalhar em balde
Roberto quer que lhe diga.

Eu nunca volto a apartar-me
Da vida que tenho agora
Nela protesto morrer
Juro aqui nesta hora.

FULMINANTE
Eu tampouco deixarei
A minha vida que tenho
Cinquenta e cinco que somos
Nela havemos de morrer.

Escusamos bem que fales
Nesse Deus soberano e bom
Olha que tenho o poder
Na minha furiosa mão.

Jantemos aqui Roberto
E mais quer que lhe diga
Roubar matar e o resto
Será sempre a nossa vida.

ROBERTO
Pois fechados ficareis
Enquanto vou a Abadia
Agora aqui estareis
Até que seja de dia.

Entram na cova e mata-os todos. Sai e fecha a porta e dirige-se à capela do Ermitão e diz para o Ermitão:

ROBERTO
Boa vontade eu tenho
Da falar nesta Abadia
Com os frades e também
Com a vossa senhoria.

Fiz uma acção muito má
Mas ela foi do meu agrado
Matei a todos os ladrões
A quem eu tinha ensinado.

A roubar e a matar
E a fazer todo o mal
Que guiado pelo diabo
Era uma fera infernal.

Agora afirmo senhor
Que nunca torno a voltar
A fazer mal a ninguém
Podeis o acreditar.

Pegai nas chaves do forte.

(Entrega-lhes as chaves)

Porque há lá muita fazenda
Quero que o meu bom pai
Reparta pela pobreza.

Eu vou-me daqui a Roma
Ao Padre Santo falar
Que me dê a penitência
Eu me quero confessar.

Tomai conta dessas chaves
E dai-me vosso perdão
E todos a quem fiz mal
Eu vou-me com resignação.

ERMITÃO
Ó Roberto que bem fazes
Ir-te agora confessar
Muito contente me deixas
Por te querer emendar.

*Vai-se o Ermitão e Roberto dirige-se a Roma.
Sai Rogério e diz:*

Que perversas manhas tem
Nunca a perdê-las vem
Que importa o ir ao inferno
Esse Roberto traidor
Se o *facanista* maior
É o que tem o governo
E tornou a *empontar*
Para que fosse matar
Fulminante e Marto coitados
Que ele tinha ensinado
E com eles tinha vivido
E diz que está arrependido
Que quer fazer confissão
Não acredito, não, não
Mas eu hei-de observar
E se acaso for mentira
Hei-de-o acheringar.

Seringa e vai-se Roberto à capela do Pontífice e diz:

ROBERTO
Pregando está o Padre Santo
Na sua formosa capela
Valha-me Nosso Senhor
Quem poderá entrar nela.

À porta

O meu coração agora
Está muito agoniado
Como me porei diante
Do senhor sacramentado.

Chama com um sino e diz dentro o Pontífice:

Quem é que vem falando?

Sai e diz Roberto

É um pobre pecador
Que bem agora buscando
A saúde espiritual
Pelo que choro e ando.

Sou Roberto do Diabo
O que ensinei o bando
A roubar a quanta gente
Passara no ducado.

Quem fez quatrocentas mortes
E em três meses foi gozando
Cento e cinquenta mulheres
E seus corações arrancando.

Sou quem entrava nos templos
E o senhor sacramentado
Pelo chão atirava
E por mim era pisado.

Eu roubei jóias de prata
Também as roubei de ouro
Fiz um forte no monte
Onde juntei um tesouro.

Muitos pobres afoguei
E muitos ricos persegui
E nunca pude encontrar
Quem me matasse a mim.

As solteiras eu gozei
As viúvas persegui
As casadas maltratei
Eu a ninguém temi.

Roubei cálices e patenas
E muitas roupas de seda
E depois a todos os padres
Eu matava sem ter pena.

Desde que encontrei em mim
A força eu pude andar
Sempre o mal quis fazer
E a todos a morte dar.

Dentro do meu coração
Só se encontrava o mal
Fui pior que uma fera
Ou uma fera infernal.

Minha mãe não conheci
A meu pai não respeitei
E ao meu professor que tinha
Foi o primeiro que matei.

Conforme diz minha mãe
O Diabo deu-me o ser
Por isso eu tive sempre
O amaldiçoado poder.

Minha mãe me entregou
Ao Diabo ao conceber
Amaldiçoando-me assim
E todo o meu proceder.

Agora, meu senhor, venho
A buscar a absolvição
Que quero tirar as penas
Do meu triste coração.

Quero fazer penitência
Com a mais profunda dor
Quero servir ao meu Deus
E amá-lo com muito amor.

De joelhos

Pequei, meu Deus pequei,
Sou o maior pecador
Quero chorar meus pecados
Com um fogo abrasador.

PONTÍFICE
Ó Roberto sobrenome
Do Diabo és chamado
Sempre ao Diabo fizeste
O que foi do seu agrado.

És filho de um grande Duque

Alberto da Normandia
A quem vi com muito gosto
No meu palácio algum dia.

O que professou na fé
Da sacra Virgem Maria
A que sem tocar ninguém
Ao verbo de Deus concebia.

E todos os pecadores
A chamam Virgem Maria
Rainha da misericórdia
Amparo de alma nascida.

Encomendai-vos, já
A Maria que há-de ser
Vosso amparo e advogada
Que ela tem todo o poder.

Ela não vos dará mais
Nem agonias nem dores
Com seu amor muito puro
Vos farão grandes favores.

Eu nas minhas orações
Hei-de bem suplicar
Que olhe sempre por vós
Nunca vos deixe pecar.

Vejo-vos arrependido
Mas eu não posso perdoar
Vossos pecados agora
Não vos posso confessar.

Um ermitão no monte
Do Darso está lá a morar
Ide e dizei-lhe que eu
Vos mandei lá a confessar.

Que sem receio nenhum
Vos haja de confessar
Cumprindo a penitência
Que ele tem para vos dar.

E perdoado sereis
Dos pecados que tiver
E a pecar não torneis
Se o que ele disser.

ROBERTO
Eu o farei Padre Santo
Ao monte que vou a ir
Com um verdadeiro fogo
Ao meu Deus quero servir.

Levanta-se e vai-se e aparece o Anjo ao Ermitão e diz:

ANJO

Ermitão venerado
És por toda a cristandade
Aqui por Deus sou mandado
Pois é da sua vontade.

Que absolvas os pecados
De um homem que aqui virá
Verdadeiro penitente
A fazer sua confissão
Por ordem do omnipotente.

Roberto do Diabo foi
Roberto de Deus será
Dos males que ele fez
Quebrou verdadeira fama
E depois da confissão
Em penitência logo lhe dais
Que se faça logo louco
E não coma nada mais.

Que aquilo que aqui puder
A todos os cães tirar
Caminhando para Roma
Mudo sem poder falar.

Em Roma ele andará
Até que Nosso Senhor
Lhe tire essa penitência
E o recolha ao seu amor.

Vai-se o Anjo e diz o Ermitão

Ó mensageiro divino
Da corte celestial
Sendo eu tão pecador
Como me vindes falar.

Sai Roberto e vai à capela do Ermitão e diz de joelhos Roberto:

Eu prostrado de joelhos
Ermitão aqui me tens
Buscando-te para dar-te
Aqui muitos parabéns.

Eu sou uma ovelha errante
Do teu rebanho saído
Para sempre na maldade
É que fui concebido.

Sou um pobre pecador
E como fera atrevido
Fiz tantíssimos males
Que já não posso comigo.

O Padre Santo mandou-me aqui
Que me confessará
E a penitência que me dará
Assim o quero fazer.

Entremos nesta capela
Que me quero encomendar
A esta senhora bela
Que sempre a quero adorar.

Entram na capela sai Rogério e diz Rogério:

Agora sim acredito
Que Roberto vai fazer confissão
Vi Roberto mui aflito
Em busca de um ermitão.

Vai-se e canta a música

Confessa-te ó pecador
E não olhes para trás
A vida que tu tiveste
Olha que te salvarás.

Sai o Ermitão e Roberto da capela e doutra parte sai Rogério a escutar a penitência e diz o ermitão:

A penitência Roberto
É que te faças louco
E para Roma te irás
Caminhando pouco a pouco.

Dos cães só comerás
O que lhe possas tirar
E não comas nada mais
Osso é o teu jantar.

Não te metas com ninguém
Em Roma terás que andar
Até que Nosso Senhor
Te haja de perdoar.

ROBERTO

Assim o farei agora
Ficai com Deus senhor frade
Já Nosso Senhor agora não quer
Que eu agora aqui mais fale.

Vai-se o Frade e diz Rogério:

Se cumprir a penitência
Que lhe deu o ermitão
A divina providência
Sim lhe deve dar perdão.

Mas não vai ser capaz
Porque vem muito rapaz
A fazer-lhe zombaria
E atirar-lhe *calboadas*
E ele estas *pastoscadas*
Não é capaz de as aturar
Eu já o vou *charingar*
A fazer-lhe *mugigangas*.

Seringa e vai-se para diante dele bailando e dizendo:

ROGÉRIO
Tiridangue, indangue, indangue.

Sai uma partida de rapazes que o empurram e atiram pedradas e diz Rogério:

Se vais para Roma assim
Leva-me ao *carranchim*⁴⁶
Que tudo é penitência
Se o levas com paciência.

Com estes desprezos não indo até ir perto da casa do imperador e diz Rogério:

Ó rapazes com as mãos
*Façamos corre*⁴⁷ ao redor
E no meio há-de ficar
E nós daqui a cantar.

Dão-se as mãos uns aos outros e cantam:

Lara, lará, lará, lará,
Lará, lará, lará, lará.

Já perto da casa do Imperador sai um cão com um bocado de pão na boca Roberto rompe o corre que o rodeia e tira-lhe o pão ao cão e assenta-se à porta do palácio e Rogério e os rapazes ficam olhando para ele e não-se desde que sai o Imperador e Ministros e diz o Imperador:

Está aqui este homem

É louco e quero saber
Se ele tem muita fome
E se não tem que comer.

MINISTRO
Melhor será recolhê-lo
Porque estes rapazitos
Andam a zombar dele
E tirá-lo destes conflitos.

IMPERADOR
Entra louco para dentro
Não estejas aqui mais
Jantarás em companhia
Do cão e dos demais.

Entra Roberto para dentro fazendo loucuras que provocam o riso e diz o Ministro:

O Almirante pagão
Sua filha quer levar
E vossa alteza não quer dar
A ninguém a sua mão.

Agora vem pelas terras
Fazendo destruição
Sem atender a ninguém
Nem mesmo a sua razão.

IMPERADOR
Vamos ao seu encontro
Com a gente que juntemos
E se puder ser a morte
Ao Almirante lhe demos.

Vão-se e dentro dá-se um combate rugindo espadas e tiros e sai Rogério:

Temos que ir guerrear
Com o almirante traidor
Porque o Imperador
Não lhe dá a filha para casar
Se comigo se encontrar
Vou-lhe dar seringadelas
Pelo fundo das costelas.

Um Anjo aparece no jardim com um estandarte e armas de guerra e diz para Roberto:

ANJO
Roberto servo de Deus
Manda-me que te armes
Com estas armas luzidas
E este formosos estandarte.

⁴⁶ Leva-me às costas.

⁴⁷ “Fazer corre ou córreo” significa, em mirandês, fazer uma roda.

Que montes neste cavalo branco
E vás socorrer
Ao senhor imperador
Não há tempo a perder.

Ouviu teu pensamento
Disse-me que não temeras
Sempre ao Imperador
Com cautela defenderás.

E ninguém te conhecerá
Teu esforçado valor
Até que te perdoar
De tudo nosso senhor.

A ti Roberto de Deus
Bem te há-de perdoar
Fazendo assim penitência
À glória te há-de levar.

Vem, pega no cavalo
E vai-te já pelejar.

Vai-se o Anjo e Roberto arma-se e monta a cavalo e de fora vem o Almirante e diz para o Imperador:

Ó imperador Romão
Se te podes defender
Olha que vais morrer
A espada deste pagão.

O Imperador monta a cavalo ele e o Ministro vai ao encontro e diz o Imperador:

Não tenho medo não, não
As tuas fanfarronadas
Tenho fortes espadas
Para partir teu coração.

Batalham a cavalo do jardim sai Roberto e dirige-se ao combate e diz o Almirante:

Espera ó imperador
Não me queiras perseguir
Dá-me tempo a retirar
Senão tenho que fugir.

IMPERADOR
Hei-de te perseguir
E a morte te hei-de dar

Roberto chega e diz o Imperador:

Persegue o cavaleiro
Olha se o podes matar
Não nos torne a incomodar
Esse *perro*⁴⁸ perdigueiro.

Roberto persegue o Almirante que foge o Imperador volta para o palácio e Roberto para o jardim depois sai o Imperador e o Ministro e o Embaixador e o General e diz o Imperador:

Voltei para Roma triunfante
Ao louco nós fizemos mal
Não lhe cumprir o desejo
O louco a ninguém faz mal.

Quando estamos a falar
Sempre está com muito atento
E vontade de pelejar
Quem seria meus senhores.

O do cavalo branco
Que me defendeu a mim
Com tanto valor e espanto?
Quem seria? Eu queria
Isto que desejo saber
Grande prémio lhe daria
Se o chegasse a conhecer.

MINISTRO
Vossa filha observou
E está muito admirada
Sempre para o louco está
Ela muito entusiasmada.

IMPERADOR
Minha filha é muda
Eu não posso compreender
Os sinais nem mesuras
Venha aqui outra mulher.

*Sai a Imperatriz e a Dama.
Roberto desde que a vê mostra a alegria e faz mais loucuras e continua o Imperador:*

Minha filha, tenho aqui
Não entendo seus sinais
Tu dama que os entendes
Olhai lá se os explicais.

A filha está por sinais o que diz a Dama.

⁴⁸ Forma mirandesa: “cão”.

DAMA

Ó senhor Imperador
O que vossa filha fala
É cousa de grande valor
E não a entendem nada.

Diz que pela janela
Do seu jardim viu chegar
Um mensageiro de Deus
E ao louco lhe foi falar.

Um cavalo muito branco
Diz que lhe entregou
E armas para pelejar
E depois logo marchou.

O louco depois de armado
A guerra foi guerrear
E ele com toda a força
Começou a pelejar.

Diz que saiu triunfante
Em vossa protecção
Depois chegou ao jardim
Alegre o seu coração.

O cavalo meu senhor
Logo desaparecia
E Roberto como sempre
Também louco se fazia.

*A filha, por sinais, vai afirmando o que a dama
diz sem desfitar Roberto.*

IMPERADOR

Pelos sinais ó mulher
Minha filha não é louca
Agora é que eu vejo
Que tens vergonha mui pouca.

DAMA

Vossa majestade imperial
Chegará a confirmação
E depois afirmará
Que eu nisto tenho razão.

Porque eu a vossa filha
Entendo os seus sinais
Como também entendo
O que vós aqui falais.

IMPERADOR

Não é possível que o louco
Fizesse tanto prodígio

Na batalha como fez
Este homem meu amigo.

As suas operações
Eram do mais entendido
Homem que no mundo
Até agora tem nascido.

MINISTRO

Não podemos bem saber
Mas na terceira vez
Sua majestade triunfou
E eu segui-lhe o seu revês.

E minha lança estendida
Na sua perna ficou
Ele mostrará o sinal
Do ferro que lá ficou.

IMPERADOR

O que mostrar o ferro
E sua ferida mostrar
Minha filha imperatriz
Lhe darei para casar.

Vou mandar publicar
Que estou muito desgostado
Eu não saber quem foi o homem
Que veio em meu amparo.

Venha o meu secretário
Preciso de lhe falar
Que escreva com brevidade
O que lhe vou notar.

Sai o secretário

SECRETÁRIO

Meu senhor às suas ordens
Pronto para o que mandar
Está o seu secretário
Que há pouco mandou chamar.

IMPERADOR

Vamos pois sem demorar
Escreva o que lhe vou notar
Em édito anunciativo
Que vou mandar publicar.

*O Secretário vai escrevendo, dizendo a última
palavra que o imperador lhe dita.*

IMPERADOR

Minha filha darei!

SECRETÁRIO

Darei.

E assim por diante

Ao cavaleiro esforçado
Que na passada campanha
Pelejou sempre ao meu lado.

Farei-o imperador
Marido de minha filha
Por mim será estimado
Como a maior maravilha.

A ferida na sua perna
E a lança há-de mostrar
É bastante testemunha
Para eu acreditar.

Fala o imperador

IMPERADOR
Ide, publicai agora
Por toda esta cidade
Para que não haja ignorância
E a todos chegue a verdade.

SECRETÁRIO

Assim o farei senhor
Tomar público em geral
Com licença de toda a corte
E vossa majestade imperial.

*Circular*⁴⁹

Sua majestade imperial
De Roma imperador
Nosso Augusto soberano
E nosso submisso senhor.

Faz publicar a todo o império
Que sua filha há-de dar
Ao cavaleiro esforçado
Que assim quem o defendeu.
Do almirante pagão
E por isso em recompensa

Lhe dará a sua mão.

Apresente-se esse guerreiro
Que o defendeu na guerra
Mostrando para a verdade
O ferro da lança na perna.

Para não haver ignorância
Em qualquer lugar ou tempo
A todos os seus súbditos
Faz tomar conhecimento
Governadores distritais
Administradores dos concelhos
Regedores de freguesias
Vassalos novos e velhos
Assim o façam bem publicar
Assim o façam notório
Da mais *cirida*⁵⁰ da charneca
Ao saliente promontório
As províncias ultramarinas
As posições africanas
Chegue também o pregão
De suas ordens romanas.

Fixa o edital.

Aqui fica este edital
Ninguém alegue ignorância
Desde o mais velho ancião
À mais nova criança.

São as ordens determinadas
Do nosso Imperador
De cuja me encarregou
A observância com rigor.

De estas minhas ilusões
Haja pois observância
Não venham cá com razões
Ninguém alegue ignorância.

Com o Imperador:

Meu senhor dá-me licença
Aqui me venho apresentar
Mensageiro de que há um pouco
A ordem fui publicar.

⁴⁹ Todo este discurso não se encontra na versão de Avelanoso. De notar as referências à divisão administrativa, distritos, concelhos, freguesias... e até às “províncias ultramarinas”, o que denuncia o acréscimo tardio destes versos. É bem possível que tenha sido introduzido por algum regrador pois as quadras, que no restante texto têm bastante homogeneidade de rima e de métrica, não a têm nesta “circular”.

⁵⁰ Esta é a forma que se encontra na nossa versão. Trata-se seguramente de um “erro” de cópia porquanto a palavra não existe, tendo o “copista” deturpado os dois primeiros caracteres, escrevendo “ci” em vez de “á”, talvez por desconhecer a palavra “árída”.

IMPERADOR

Agora sim que eu estou
Muito mais sossegado
Sabem que o meu édito
Se acha publicado.

Obrigado meu secretário
Por tanto vos esforçar
Mas por agora mais nada
Podeis-vos retirar.

Vai-se.

IMPERADOR

Em mim reina alegria
Desaparece meu pesar
Em honra da companhia
Toque música, vamos dançar.

*Dançam o Imperador o Ministro, o Embaixador
e o General, a Imperatriz e a Dama e não-se. Sai
Rogério e diz:*

Lá no palácio Romão
Fazem bailes de contentes
Porque as suas gentes
Venceram aquele pagão.

Ficaram todos a rir
E eu agora vou-me a ir
Entoando uma canção.

Canta

Ó rebola bola
Bem te vejo rebolar
Bem te vejo e não te logro
Quem te poderá lograr.

*Vai-se e sai o Embaixador e o Almirante a
cavalo e diz:*

Um édito do imperador
Sei que tem publicado
Eu me vou apresentar
A casa do seu reinado.

Com minha astúcia falar
E um embuste que inventar
Vou-lhe pedir a filha
Para com ela casar.

EMBAIXADOR

Eu em tudo o que quiser

Tenho de o acompanhar
Ao palácio do Imperador
Até com ele falar.

ALMIRANTE

Se me sai o que eu penso
Eu saberei premiar.

EMBAIXADOR

Temos que ir com cuidado
Não nos venham a matar.

ALMIRANTE

Eu só vejo as coisas más
As pernas farei voar.

*Chegando ao palácio do Imperador saem todos e
diz o Almirante:*

Senhor vossa majestade
Já mandou publicar
Um édito oferecendo
Sua filha para casar.

Ao cavaleiro que veio
No seu cavalo branco
E que no seu favor
Saiu sempre pelejando.

E como sou eu o mesmo
O Imperador me há-de dar
Sua filha para esposa
Em que não pode falar.

E se existe alguma dúvida
Ofereço-lhe esta verdade
Sirva aqui por testemunha
O ferro e a lança olhai.

Mostra-lhe a perna:

Que metido nesta perna
O tenho com minha dor
Olhai o cavalo branco (*ensina-lho*)
Que se retirou a vapor.

IMPERADOR

Almirante, não sois vós
O que me pusestes guerra
E que contra mim
Levantastes a bandeira.

Como é que será crível
Contra vós o pelejar.

Respondei ó Almirante
Não me queirais enganar.

ALMIRANTE

Tão grande é o amor
Que a vossa majestade tenho
Que me obrigou a fazer
Tudo isto com desejo.

O amor por vossa filha
Sempre tenho que temer
Obrigou-me a fazer flechas
Até eu mesmo morrer.

IMPERADOR

Detém-te ó Almirante
Já tua ferida olhei
Entra que te quero dar
Minha filha para casar.

Vão-se e sai Rogério e diz Rogério:

Já voltou o Almirante
Ao Imperador intrujar
E este bacoco vai dar
A filha àquele tratante
Só merecia umas *taponas*
Para que não seja pedante.

*Vai-se e sai um Anjo e vai à capela do Ermitão
e diz o Anjo:*

Aqui volto ó Ermitão
Da parte de Deus venho
Dizer-te que cumpriu
A penitência Roberto.

E que marches para Roma
E a Roberto lhe digas
Que cumpriu a penitência
E não tenha mais fadigas.

E que não volte a fazer
Mais loucuras com o cão
Que já Deus lhe perdoou
E deu a absolvição.

E não te detenhas nada
Faz o que há-de fazer
Olha Ermitão que te manda
Aquele que tem mais poder.

Vai-se o Anjo e diz o Ermitão:

Ó onnipotente Deus
Eu não sou merecedor
De vos servir mas o que
Farei-o com grande amor.

*Vai muito devagarinho à capela do Pontífice para
falar e ao mesmo tempo por outra parte sai
Rogério.*

ROGÉRIO

Não vistes um avejão
A falar com sua reverência
Foi-lhe dizer que Roberto
Já cumpriu a penitência.
Eu também me vou de certo
Se me dais vossa licença.

*Seringa e vai-se descobre-se o Pontífice na sua
capela assentado e de fora viram o Imperador, o
Almirante, o Ministro e o Embaixador a
Imperatriz e a Dama detrás com um pau muito
“enraivado” ameaçando e diz o Imperador:*

Santíssimo Padre Santo
Que a Cristo representais
Nesta formosa capela
E ao senhor Deus adorais.

Diante de vós estão agora
Para pedir um favor
Depois da sua bênção
Receber com muito amor.

Venho a que me *despenseis*⁵¹
Esta filha tão querida
Com este senhor valente
De terra desconhecida.

PONTÍFICE

Farei-o mui contente
E depois de confessados
Com minha absolvição
Os seus pecados perdoados.

IMPERATRIZ

Detenha meu pai a voz
Agora quero falar
Já que o senhor concedeu
A mim a fala ma dar.

O que este louco fez
Custará-lhe acreditar

⁵¹ “Venho a que caseis”, lê-se no texto de Sendim.

Mas já Deus me deu fala
Para que possa provar.

Estando no meu jardim
Um anjo eu vi baixar
Sobre Roberto e depois
Principiou a falar.

Trouxe-lhe um cavalo branco
E armas para pelejar
Sempre em vosso favor
O anjo mandou-o andar.

Quando chegou ao jardim
O anjo lhe recolhia
O cavalo e as armas
Que do combate trazia.

Até a terceira vez
O louco chegou ferido
Um ferro tirou da perna
E no jardim o tem escondido.

O Almirante não foi
Que pelejou em seu favor
Embusteiro e mentiroso
Matai esse traidor.

Vai-se dizendo o Almirante:

Não me valeu o mentir
Nem tão pouco o intrujar
Pela Princesa falar
Agora tenho que fugir.

Repete sai Rogério e diz:

E tens!...
Seu mariola, seu tratante
Intrujão, embusteiro
Anda senhor almirante.

*Seringa e vai-se. Chega à capela o Ermitão e diz
o Ermitão:*

Grande *potente*⁵² fez Deus
Ó Padre Santo muito querido
O louco já não é louco
E cristão arrependido.

Para Roberto:

Roberto, senhor nosso
Manda-me para te falar
Que te deixes de loucuras
E que não voltes a andar.

Em companhia dos cães
Que já perdoado estás
De tuas culpas e pecados
E coroadado serás
De glória na outra vida.

Vai-se de joelhos diz Roberto:

Meu Deus, meu Deus soberano
Que sou eu merecedor
Pois me tendes perdoado
Sendo eu grande pecador.

Ó Padre Santo querido
Ó Ermitão venerado
Como sabeis dar vida
A um homem agoniado.

Ó senhor Imperador eu fui
Quem do perigo o tirei
A vossa honrada pessoa
E do Almirante o livre.

E com rogos que eu fiz
Ao nosso Deus de coração
Falou aqui sua filha
Eu mereço sua mão.
Se fui grande pecador
Agora *outreguei*⁵³ o perdão.

Levanta-se Roberto e diz o Imperador:

Em a mão de Deus o ponha
E de vós meu Padre Santo
Minha filha entregarei
A este homem que é um santo.

IMPERATRIZ

Eu te quero meu Roberto
Eu te quero meu amor
Porque a língua e ouvido
Me concedeu o senhor.

Já que outorgaste o perdão
Do Nosso Deus salvador
De hoje em diante serás
Meu fiel adorador.

⁵² “Portento” e “milagre”, nas outras versões.

⁵³ Na versão de Avelanoso lê-se “alcancei”.

Abraçam-se e continua

Eu te quero para sempre
E no império serás
Nomeado imperador
E mui bem governarás.

PONTÍFICE

Gran milagre fez Deus
Agora diante de mim
Verdadeiro penitente
Como Roberto não vi.

Exemplo tomemos todos
Não queiramos ofender
A virgem senhora nossa
Que ela tem todo o poder.

E a mãe dos pecadores
Amparo dos aflitos
Guia mui venerada
De todos os que somos nascidos.

Ela dá-nos protecção
Nos combates e nas guerras
Faz humilhar o sol
E esconder as estrelas.

E agora meus irmãos
Filhos do meu coração
Em nome de Deus dos céus
Deito-vos minha *benção*.

De joelhos

Em nome de Deus pai
Filho do espírito santo
Ide em paz meus irmãos
E na glória nos juntemos.

Recolhem-se todos na capela do Pontífice e sai o Almirante e diz Almirante:

Agora já não lhe vale
Ao Imperador falar
Com minha mão severa
A morte lhe hei-de dar.

A sua filha não me deu
Para com ela casar
Mas agora ó Imperador
Me tens muito que pagar.

Guerra darei agora
Guerra darei aos Romãos
E todos quantos encontre
Morrerão nas minhas mãos.

Força, força, armas! Armas!
Aos Romanos perseguirei
Que sou infiel e não quero
Seguir a sua lei.

Entra no palácio do Imperador e enquanto dão a batalha sai Rogério e diz

Raios parta o Almirante
Deve ser bem traidor
Por não se poder vingar
Foi matar o Imperador.

Se o torno a encontrar
Não sei o que lhe farei.

Disparam tiros e sai o Almirante, Rogério assustado diz

Ai de mim que já ali vem
Aonde me esconderei.

Fugindo sem saber aonde se há-de meter vai-se e diz o Almirante

Eu logo disse que tinha
O Imperador morrer
Não lhe deu favor teu deus
Ninguém te veio valer.

Morreu, morreu! Em Roma
Me hei-de logo introduzir
Com minha espada na mão
A todos hei-de ferir.

Não temerei a ninguém
Infiel sempre serei
Contra Deus e seus vassallos
A todos conquistarei.

Serei um forte guerreiro
De ninguém quero favor
Com todos pelejarei
Com arrogante valor.

De fora vem Roberto a cavalo no cavalo branco acompanhado de soldados também a cavalo e diz sem descer para o Almirante:

ROBERTO

Encontrei o que buscava
Depois de eu estar metido
Em tão áspero deserto
Penitente arrependido.

Agora gente Romana
Agora aqui encontrei
Um traidor um infiel
Um contra a nossa lei.

Venho de ver minha mãe
A que contente deixei
Governando o seu ducado
Fazendo guardar a lei.

Seu ducado percorri
A todos pedi perdão
De quanto lhes ofendi
De todo o coração.

Todos ficaram contentes
Ficaram agradecidos
Ao ver que eu lhes falava
Com todos os sentidos.

Mas ao chegar ao mandado
De meu sogro imperador
Venho em defesa dele
Como um fogo abrasador.

Agora aqui me encontrei
Com meu sogro sepultado
Pela mão daquele traidor
Sem nada ter reparado.

Para o Almirante

Tu perseguir a lei?
Não te lembras que Roberto
Defenderá a lei santa
Com muito zelo e *mui* acerto.

Esgrimir a tua espada
No sangue dos cristãos
Livra-te, infiel traidor
Das minhas furiosas mãos.

Desertos da Palestina
Formosos campos romanos
Torres, praças e castelos
Defensores dos cristãos.

Vinde, vinde agora aqui

Meus vassalos vinde ver
Este infiel, este traidor
Que agora vai morrer.

Oração em cima do cavalo:

Sacra santa virgem pura
Peço valor nesta hora
Vós é que me podeis dar
Ó virtuosa senhora.

Vós sois Santíssima Virgem
Imperatriz soberana
Estrela resplandecente
Luzeiro de madrugada.

Guia dos marinheiros
Advogada dos cristãos
Dai força e dai valor
As minhas humildes mãos.

Desce do cavalo, vai ao tabuado e diz para o Almirante

ROBERTO

Ímpio ó vil traidor
Com embuste e vais falar
A senhora imperatriz
Com ela querias casar.

Para depois em Roma
Introduzir a falsa lei
Do estúpido a má fama
A pior de toda a grei.

Vem herege bem assim
Que não te vale de nada
Tua força e valor
Nem tua terrível espada.

Chega a mim tua pessoa
No campo de desafio
Que sairei vencedor
No meu coração confio.

Batalham e caindo o Almirante diz o Almirante:

Ó Roberto que sim foste
O meu cruel matador
Morro aqui com sentimento
Morro aqui como vil traidor
Olha recolhe minha alma
A um fogo abrasador.

ROBERTO

Já ganhei esta batalha
E todas eu hei-de ir ganhando
Graças lhe dou a Maria
Por ela sou amparado.

Graças senhora vos dou
O meu coração deposito
Nas vossas mãos divinas
E também o meu espírito.

Guardai e recolhei agora
O meu formoso cavalo
Que eu me vou acabar
De cumprir o meu ordenado.

A fazer uma fogueira
Onde o corpo arderá
De esse infiel Almirante
O fogo o consumirá.

Deita-se no inferno e vai-se. Sai Rogério

Ó que bem estás agora
Nesse buraco sem fundo
Pagai as intrujices
Que fizestes neste mundo.

Tapa o buraco e bailando em cima diz

Intrujão!
Não valias um centavo
Agora ficas aí
Na companhia do diabo.

*No palácio do Imperador entra o Pontífice,
assentado com uma coroa na mão e a Imperatriz
à direita, Ministro e Embaixador à esquerda;
todos assentados e os Sargentos em fazendo
guarda diz o Pontífice:*

PONTÍFICE

Ó Roberto Milagroso
Defensor das nossas leis
Recebe esta coroa

Que nas minhas mãos me *veis*.

Vossa majestade é
Da nossa corte o herdeiro
Receba esta coroa
Penitente verdadeiro.

*Roberto ajoelha diante do Pontífice este põe-lhe a
coroa na cabeça; assenta-se e diz Roberto:*

Ó Padre Santo querido
Que por vossa santidade
Sou nomeado Imperador
Sendo pecador tão grande.

Agora aqui eu prometo
De defender a nossa lei
Que é santa e verdadeira
Posta por Deus é que é.

Meus vassalos regerei
Com a vossa protecção
A santidade será
Triunfo do meu coração.

PONTÍFICE

Pois agora recolhemos
Todos os preparativos
Façamos que todos sejam
Hoje aqui cristãos bem vivos.

É quanto pode pedir
O nosso bom coração
Peçamos que Deus do céu
Nos deite sua *benção*.

Vai-se e sai Rogério

Findou a nossa comédia
Como vistes povo honrado
A má vida de Roberto
E como foi perdoado.

FIM